

REFORMADOR

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

AGOSTO, 1997 ANO 115 Nº 2.021

Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL: feb@febrasil.org.br

EDITORIAL - A divulgação da Doutrina na Internet	2
A Moral Espírita - Juvanir Borges de Souza	3
O maior fenômeno do século - Carlos Romero	6
EXERCITANDO O EVANGELHO - Servir somente a Deus - Inaldo Lacerda Lima	7
Prece ao Pai Nosso - Passos Lírio	10
Reflexões de Napoleão em Santa Helena - Evandro Noleto Bezerra	12
Adversidades - Washington Borges de Souza	14
Voltando para casa - Carlos Augusto Abranches	17
A Parábola do Semeador - Robinson Soares Pereira	19
FEB - Departamento de Infância e Juventude - III Encontro Nacional de Diretores de DIJs	21
ESFLORANDO O EVANGELHO - Por que desdenhas? - Emmanuel	23
Estudo sobre a mediunidade - Silvio e Clarice Seno Chibeni	24
FEB - Conselho Federativo Nacional - Comissões Regionais - Reunião Ordinária da Comissão Regional Sul	36
A FEB na VIII Bienal do Livro	39
A USE promoveu o 10º Congresso Estadual de Espiritismo	40
REFORMADOR DE ONTEM, ENSINAMENTO PARA HOJE! - Uma ética para a genética - Hermínio C. Miranda	41
A FEB E O ESPERANTO - Do Movimento Esperantista - Affonso Soares	46
Estudo Sistematizado nos Estados Unidos	48
SEARA ESPÍRITA - FATOS EM NOTÍCIA	49

NOTA: "O Espinho da Insatisfação" é o livro que ilustra nossa capa. De autoria do confrade Newton Boechat, foi prefaciado por Francisco Thiesen, que diz: "O livro a um só tempo dá divulgação a fatos e documentos de real valia, de interesse histórico do Espiritismo, como Doutrina e como Movimento, e desvela ocorrências e enigmas de modo sério, instrutivo, quer no campo das motivações, quer no das conseqüências dos atos de indivíduos e grupos, sejam estes religiosos, políticos, culturais, praticados nas 'esquinas da História', na 'encruzilhada dos séculos'."

Editorial

A divulgação da Doutrina na Internet

Em editorial de julho de 1996 REFORMADOR informava a seus leitores e ao Movimento Espírita de forma geral o ingresso da Federação Espírita Brasileira na Internet, tornando disponível nesse poderoso sistema de arquivo e comunicação sua Home Page.

Desde o mês de abril do ano passado já era possível o acesso à biografia de Allan Kardec e a “O Livro dos Espíritos”, em português, primeiros passos na divulgação da Doutrina Consoladora, através desse novo instrumento de alta tecnologia a serviço da comunicação.

No espaço de 15 meses, numa rápida avaliação, expandiu-se extraordinariamente o “milagre” da informação rápida, fácil e imediata.

Hoje já está disponível grande parte da Codificação, em quatro idiomas: português, francês, inglês e espanhol. REFORMADOR é página permanente, integralmente transcrito mês a mês, com assinatura virtual. A Livraria virtual da FEB também é serviço posto à disposição dos interessados.

Nosso próximo objetivo será o de colocar na Internet o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), que já se tornou conhecido de todo o Movimento Espírita brasileiro e além-fronteiras, com sua reconhecida utilidade.

Mas, esperamos não parar nas iniciativas que se transformaram em êxito, pelo que representam de serviço prestado a espíritas e simpatizantes do Espiritismo.

Neste breve registro, cumpre assinalar como é contagiante o entusiasmo no trabalho em prol da divulgação da Doutrina também através da Internet.

Contam-se aos milhares as mensagens recebidas de toda parte, de congratulações, de incentivo, de sugestões, de pedidos de esclarecimento, de oferecimento de colaboração, numa demonstração evidente de que a Doutrina Espírita é bênção de sustentação dos que já a conhecem e querem aprofundá-la, como o é ainda de inúmeras criaturas, irmãs nossas, que estão à espera de uma informação correta de natureza espiritual, esclarecedora ou consoladora para suas almas sequiosas de conhecimento.

Estamos vivendo um momento favorável na divulgação da Doutrina: ao lado do livro, dos jornais, da oratória, dos cursos, do rádio, da televisão, já é igualmente uma realidade a Internet, esse prodígio da tecnologia da última década, que se põe a serviço do Espiritismo. ■

A Moral Espírita

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Diz Allan Kardec, na Conclusão de "O Livro dos Espíritos", que "fora presumir demais da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das idéias espíritas".

Acrescenta o Codificador que a ação exercida por essas idéias não são nem idênticas, nem do mesmo grau em todos aqueles que aceitam o Espiritismo e o professam.

É admirável a argúcia do Codificador na observação do fenômeno do entendimento e da aceitação da novel doutrina, máxime considerando-se que sua observação fora formulada logo no início dos trabalhos da Codificação, ao ser lançada sua obra básica, e não ao concluir sua missão, quando muitas experiências haviam enriquecido sua bagagem de professor, de experimentador, de escritor, de missionário e de extraordinário observador da natureza humana.

Os espíritas, os que estudam e cultivam o Espiritismo, percebem que a Doutrina contém aspectos filosóficos, científicos, religiosos, morais, éticos, educacionais, já que é extremamente abrangente e não se ocupa somente com a vida do homem na Terra, mas cuida também da vida do Espírito imortal para além das fronteiras da matéria densa.

Apenas para efeitos didáticos e visando a simplificar a abrangência da Doutrina, convencionou-se que o Espiritismo tem caráter de Ciência, de Filosofia e de Religião, por se entender que nessas três palavras estão resumidos todos os conhecimentos e sentimentos humanos.

Entretanto, como previra Kardec, no seio do Movimento Espírita estabeleceu-se divergência, simplesmente para substituir-se a palavra *religião* pela palavra *moral*. Então, como pretende certa corrente de espiritistas, o Espiritismo é Ciência, é Filosofia e é Moral, mas não Religião.

Simple questão de semântica, como nos disse certa vez um companheiro, com o que concordamos.

Mas os homens, apesar da clareza das idéias espíritas, não as percebem do mesmo modo, nem no mesmo grau.

Preferem estabelecer um pequeno ou grande cisma a cederem no que concerne à idéia que acolhem e que se cristaliza, tornando-se inamovível.

A discussão em torno dos termos *moral* e *religião* levou a conseqüências prejudiciais à unidade do entendimento da Doutrina.

As pessoas apaixonam-se de tal modo pelo entendimento pessoal sobre determinada questão, que desprezam qualquer outro juízo que o contrarie, tornando-se fanáticas e contraditórias com as próprias bases que as sustentam.

Há tempos, e ainda hoje repete-se o fato, alguns espíritas desavisados puseram-se em campo para sustentar que o Espiritismo é uma ciência e, quando muito, tem conseqüências filosóficas, mas não é religião. Baseavam-se esses companheiros nas palavras de Kardec, em "O que é o Espiritismo" (Preâmbulo) ao definir o Espiritismo como sendo "uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal".

Estaria errada essa definição do Codificador? Claro que não. Mas o adepto precisa estar atento no entendimento da Doutrina como um todo, um amplo contexto, um código de princípios, postulados, regras, que não pode ser desmembrado. O entendimento das partes componentes há que estar harmonizado com o do conjunto.

Dentro do contexto do discurso, ao tratar do assunto específico, Kardec está certo ao dizer que o Espiritismo é *uma ciência*, mas isso não autoriza a conclusão de que a Doutrina Espírita é *somente uma ciência*, uma vez que ela é também filosofia, é religião (não em sentido restrito, mas lato), contém regras morais que coincidem com o Evangelho de Jesus, estabelece princípios éticos que decorrem de sua natureza e de seu caráter, e, conseqüentemente, é também doutrina de educação e de instrução porque se preocupa com o progresso moral e intelectual de todos os que aceitam seus princípios.

Também na interpretação da Doutrina Espírita ocorre o erro de caracterizar-se o *todo* pela *parte*.

Intérpretes de todas as filosofias e religiões incidiram nesse antiquíssimo engano.

Isso ocorreu no judaísmo, que o Cristo procurou retificar com sua mensagem de vida eterna e abundante, mesmo acrescentando que não vinha destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento.

Tem ocorrido através de séculos nas religiões oriundas do Cristianismo, inclusive nos dias atuais, quando se fundam novas seitas baseadas na interpretação de uma passagem isolada do Velho e do Novo Testamento, daí resultando verdadeiros paradoxos pela sua incoerência com o sentido geral da Bíblia.

Quando a esse velho engano se acresce a interpretação literal dos textos e se juntam os dogmas criados pelo homem, o resultado está à vista de todos: religiões dogmatizadas, exclusivistas, desmembramentos de antigos troncos pela inconformação de determinadas personalidades com a idéia antes assente.

Infelizmente, também no Movimento Espírita, em todo o mundo, o fenômeno do cisma e da interpretação individual não ficou afastado, apesar da preocupação do Codificador em imprimir toda clareza à sua obra.

Entretanto, os adeptos do Espiritismo têm maior parcela de responsabilidade no divisionismo doutrinário que os adeptos de outras correntes espiritualistas, já que nossa Doutrina é conseqüente de Revelação Superior e não resultante de um sistema criado pelo homem.

Além disso, naquilo que é de capital importância, correspondendo a realidades transcendentais que estavam acima das possibilidades de entendimento dos homens, os Espíritos supriram nossas deficiências, não só revelando coisas novas para a Humanidade mas também dando entendimento autêntico e espiritual ao que já era conhecido, como ocorre com a interpretação da mensagem do Cristo.

É conhecido o fato de alguns adeptos pugnarem pela desvinculação da Doutrina Espírita do Evangelho de Jesus. Acham eles que o Espiritismo tem sua *moral* própria e que por isso prescinde-se do que eles denominam *igrejismo*, *religiosismo*, etc.

Interessante observar que esses adeptos se baseiam em escritos de Allan Kardec e se arvoram em intérpretes autênticos do mestre, incidindo no velho engano de tomar o todo pela parte.

Alguns preferem substituir a sabedoria e beleza dos Evangelhos, interpretados em espírito, que é a base firme da Doutrina Espírita, na sua contextura moral, por teorias psicológicas e parapsicológicas com forte influência materialista.

Ora, o espírita atento e estudioso sabe que toda a Codificação reafirma a Doutrina do Cristo constante dos Evangelhos e não a ensinada e desvirtuada pelas Igrejas.

Allan Kardec, em diversas passagens, confirmou essa verdade. Daí porque fica difícil entender como pessoas inteligentes e conhecedoras da Doutrina Espírita enveredem pelo divisionismo das interpretações pessoais, invocando justamente excertos e fragmentos que não devem ser entendidos isoladamente.

Vejamos o que diz o Codificador em algumas passagens de sua Conclusão, em "O Livro dos Espíritos":

“VIII — Ensinam os Espíritos qualquer moral nova, qualquer coisa superior ao que disse o Cristo? Se a moral deles não é senão a do Evangelho, de que serve o Espiritismo? Este raciocínio se assemelha notavelmente ao do califa Omar, com relação à biblioteca de Alexandria: 'Se ela não contém, dizia ele, mais do que está no Alcorão, é inútil. Logo deve ser queimada. Se contém coisa diversa, é nociva. Logo, também deve ser queimada'.

Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. Mas, perguntamos, por nossa vez: Antes que viesse o Cristo, não tinham os homens a lei dada por Deus a Moisés? A doutrina do Cristo não se acha contida no Decálogo? Dir-se-á, por isso, que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos, ainda, aos que negam utilidade à moral espírita: Por que tão pouco praticada é a do Cristo? E por que, exatamente os que com justiça lhe proclamam a sublimidade, são os primeiros a violar-lhe o preceito capital: o da caridade universal? Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem. Por que, tendo-o enviado para fazer lembrada sua lei que estava esquecida, não havia Deus de enviar hoje os Espíritos, a fim de a lembrarem novamente aos homens, e com maior precisão, quando eles a olvidam, para tudo sacrificar ao orgulho e à cobiça?” (Os grifos são nossos, para acentuar a clareza do pensamento de Kardec.)

Vamos transcrever, ainda da Conclusão de Kardec, o que ele adverte a respeito do entendimento de partes controvertidas, visando a evitar rivalidades no seio do Movimento:

“IX... - Antagonismo só poderia existir entre os que querem o bem e os que quisessem ou praticassem o mal. Ora, não há espírita sincero e compenetrado das grandes máximas morais ensinadas pelos Espíritos que possa querer o mal, nem desejar mal ao seu próximo, sem distinção de opiniões. Se errônea for alguma destas, cedo ou tarde a luz para ela brilhará, se a buscar de boa-fé e sem prevenções.”

.....
 “O argumento supremo deve ser a razão. A moderação garantirá a melhor vitória da verdade do que as diatribes envenenadas pela inveja e pelo ciúme.”

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo” eis o comentário a respeito da *Coragem da fé* — cap. XXIV`pág. 352, item 16 da 112ª ed. FEB:

“Assim será com os adeptos do Espiritismo. Pois que a doutrina que professam mais não é do que o desenvolvimento e a aplicação da do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Colherão lá os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.” (Grifo nosso.)

Maior clareza dos Espíritos e do Codificador sobre a estreita vinculação do Evangelho com a Doutrina Espírita seria exigência descabida.

Resta ao trabalhador sincero das hostes espiritistas traçar sua própria trajetória no sentido do bem, sem se preocupar em demasia com as dificuldades do caminho, com as provocações que antes são convites ao desvio de rota.

Para isso a própria Doutrina nos esclarece da necessidade da vigilância constante, uma vez que, sem ela, sempre há o perigo da tentação da discussão desnecessária, do revide, da polêmica oca tão ao sabor dos vaidosos, dos descomprometidos com a Doutrina e com o Evangelho do Mestre. ■

O maior fenômeno do Século

CARLOS ROMERO

Um nome ecoa por todo o século XX. Um nome que é pronunciado com muito respeito e carinho: CHICO XAVIER. Ele é, sem dúvida, o maior fenômeno mediúnico de todos os tempos. Começou o seu mediumato na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, já no fim da terceira década, assustando e inquietando o mundo com o seu primeiro livro “Parnaso de Além-Túmulo”, uma coletânea de poemas escritos pelos chamados mortos, inclusive o nosso Augusto dos Anjos.

A mediunidade do CHICO abalou os profíctes das velhas e tradicionais correntes religiosas, que não admitem o intercâmbio com os chamados mortos. E como sempre fazem com as novas verdades e revelações, tacharam a psicografia daquele humilde mineiro de “coisa do demônio”, embora se tratassem de mensagens de amor, de fé e de esperança.

Chico Xavier, de cujas mãos já saíram mais de 400 livros versando os mais diversos temas científicos, filosóficos e religiosos, é indiscutivelmente um dedicado servo de Deus. Das obras que já psicografou não recebe um centavo, fiel ao mandamento evangélico: “dai de graça o que de graça recebestes.” Doente do corpo mas muito sadio de espírito, ele está sempre pronto a ajudar e consolar a imensa multidão de aflitos que o procura.

Foi belo aquele vôo de Santos Dumont, numa certa manhã de Paris, contornando a Torre Eiffel. Foi inacreditável aquele mergulho de Gagarin no oceano cósmico. Foi de pasmar aquela visita dos astronautas norte-americanos à lua. Foi maravilhosa a descoberta da energia atômica. Mas nenhuma dessas maravilhas, desses milagres da tecnologia, se compara com o fenômeno mediúnico de Chico Xavier, desmistificando a morte e descortinando novos horizontes espirituais para a humanidade terrena. Chico Xavier, com suas quase 500 obras psicografadas veio reafirmar o princípio da imortalidade da alma. Não só a imortalidade, mas a comunicabilidade com aqueles que já se foram deste mundo. E haverá maior consolo do que esse? O consolo de que a morte é uma simples travessia para uma nova dimensão?

No século passado, no ano de 1857, em Paris, Allan Kardec, lançava para espanto dos céuticos e religiosos dogmáticos a obra intitulada de “O Livro dos Espíritos”, marco inicial da literatura espírita. Naquela brochura singela estavam as bases de uma nova doutrina. Uma doutrina que tinha a missão de não só revelar, mas provar que o Espírito existe, que a vida continua após o túmulo. Acontece que nenhuma verdade é aceita com sorrisos e aplausos. Pelo contrário, não faltam os incomodados com a sua presença. E aconteceu que numa manhã em Barcelona, por ordem do arcebispo local, “O Livro dos Espíritos”, foi queimado em praça pública como obra satânica e herética.

A obra de Chico Xavier, anos depois, juntamente com outros livros trazidos pelo mundo espiritual, complementou e ampliou os ensinamentos da obra básica da Doutrina Espírita, que a fogueira inquisitorial não conseguiu destruir. Pelo contrário, acendeu a curiosidade e o interesse pela obra exorcizada.

Este século XX é o século de Chico Xavier. Haverá título mais justo e honroso? ■

EXERCITANDO O EVANGELHO

SERVIR SOMENTE A DEUS

INALDO LACERDA LIMA

"Não podeis servir a Deus e a Mamom." *Jesus* (MATEUS, 6:24.)

Informa-nos o Dicionário da Bíblia de John D. Davis, da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, que o termo Mamom é palavra grega originada do aramaico *Mamon*, *Mamona* e que significa riquezas, o que, em parte, é confirmado pelo Novo Dicionário da Bíblia, da Sociedade Religiosa Edições Vila Nova, de autores diversos.

Elucidam-nos porém "Os Quatro Evangelhos" (5a. Edição — FEB) que Mamom era uma divindade que os povos antigos adoravam, feita de prata ou de ouro, representando mais ou menos o que representava o Júpiter dos romanos, isto é, os vícios da Humanidade com todo o seu cortejo, o que explica o pensamento de Jesus: "Não podeis servir a dois senhores ao mesmo tempo." Ou servir a Deus, Criador e Pai, ou servir aos interesses mundanos!

Não se pode, efetivamente, viver uma vida que agrade a Deus, praticando os desregramentos que arrastam a uma existência inteiramente comprometida com vícios e paixões.

Esclarece o autor espiritual da obra supramencionada que não podemos ter ao mesmo tempo, em nossa alma, o amor e o egoísmo, a caridade e a avareza, o desprendimento e a cólera, a mansidão, que reflete humildade de espírito com simplicidade de coração, e o orgulho, a atividade indispensável ao trabalho material e a preguiça, a bondade para com todos e o gosto do assassinio e das violências, pois que são comportamentos adversos.

Já foi dito com muita propriedade que aquele que se consagra aos bens terrenos não tem como praticar o desprendimento que o progresso espiritual exige.

A era das divagações de pensamento passou. Nunca houve — e hoje mais do que nunca — oportunidade para se *brincar* de esconde-esconde com o Criador do Universo. Houve, sim, ignorância em muitas almas convencidas de um saber que estavam longe de alcançar.

O Mestre declarou no livro de Mateus (24:34) e no de Marcos (13:30) "que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam". E disse mais, logo em seguida: "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar." E também profetizou João Batista: "O machado está posto à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo" (Mateus, 3:10).

Ora, leitor, meditemos. Como as gerações humanas, de Jesus até os dias que estamos vivendo, são inúmeras, e como, de João Batista até agora, quase vinte séculos são decorridos, os homens se têm comportado à vontade, mundana, viciosa e adulteramente, assassinando, roubando, pervertendo-se na prática de todos os males possíveis e inimagináveis. Entenda-se que não nos estamos referindo simplesmente aos pequeninos integrantes das massas populares, incultos, apagados e débeis. Referimo-nos, em princípio, aos que se orgulham de seus títulos, nomes e *status*, mas que também matam, que também roubam, que também mentem, que também praticam corrupções, e não têm o direito de alegar desconhecimento de Deus!...

Eis chegada, todavia, a hora do basta. Eles serão levados a refletir, porque a ninguém privou o Pai de consciência, que a geração a que o Cristo se referira é a geração dos Espíritos que o Senhor dos mundos colocou sob a sua tutela, na qual todos estamos incluídos e cuja passagem para os mundos ditos somente ocorrerá com a perfeição alcançada.

Quanto à árvore de que João Batista tratava, diz respeito a qualquer das ovelhas do grande rebanho do Cristo que, chegada a hora da escolha, não tenha condição de permanecer entre aquelas que não se transviaram. Na verdade, para os que estiverem dotados de *olhos de ver*, a grande separação do joio e do trigo já está iniciada.

Este sofrido planeta está sendo promovido a mundo regenerador. E a participação nele das árvores que *não quiseram* produzir frutos bons não será permitida por tratar-se de uma presença perniciosa na nova fase a ser desenvolvida na Terra.

Indaguemos à nossa consciência, pois dela ninguém foi privado: Estará Deus sendo mau, impiedoso ou injusto para com os obstinados no erro? Teria o Plenipotenciário divino esquecido de insistir em suas advertências? Não! Reflitamos todos sob cada versículo, cada sentença do Sermão da Montanha e nos convenceremos de quanto alertou o Mestre para que ninguém se perdesse. No entanto, já está a ocorrer com a Terra a repetição do exílio dos filhos de Capela, no exílio doloroso de um contingente quase inumerável de filhos deste astro do Sol!

Somos espíritas, e estamos convictos de nossa fé. Quanto ao que o Cristo espera de cada um de nós não há razões para dúvidas em nossas almas. São milhares e milhares de páginas que já devem ultrapassar de muito a casa dos milhões, em ensinamentos, orientações elucidativas e advertências. Nem mesmo o povo de Israel, que a si mesmo denominava *povo de Deus*, recebeu tanto nas mil e tantas páginas que compõem o Antigo Testamento.

Como temos procedido aos olhos de Deus diante de tão valioso manancial? Será que estamos sendo sinceros com o Consolador prometido pelo Senhor, e que nos veio no tempo certo?

A fim de que não houvesse dúvidas em nossos corações, Ele nos premiou sobejamente com obras como “O Evangelho segundo o Espiritismo”, onde encontramos mensagens assinadas pelo Espírito de Verdade no *Prefácio*, no capítulo VI — intitulado *O Cristo Consolador* —, e no capítulo XX, em que carinhosamente nos trata como trabalhadores da última hora.

Que queremos mais?! Será que já podemos ter a tranqüilidade de consciência de que somente a Deus estamos servindo? Já estamos, porventura, unificados no espírito da Doutrina do Consolador que está conosco há 140 anos? Já nos foi possível, pelo menos, colocar no ponto mais alto o lábaro da Fraternidade?

Que fizemos de nossos venturosos propósitos de humildade? Ou esquecemos o sentido destas palavras: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração” (Mateus, 11:29)?

Reflitamos, leitor amigo, sobre quanta coisa estranha tem sido expelida, aqui, ali e alhures, pelo nosso incontido intelectualismo, a causar perplexidade nas mentes ingênuas ou despreparadas, dificultando-lhes o entendimento das verdades eternas de que o Consolador é veículo.

Nenhum momento tem sido tão propício ao nosso efetivo e bom serviço a Deus como este que vivemos na atualidade. Se ontem Jesus falava a homens de instintos grosseiros que consideravam acima de tudo seus compromissos mundanos com Mamom, hoje, a Doutrina Espírita se dirige a homens bem mais adiantados, e não é possível que homens assim se deixem dominar pelo *deus-Mamom* da vaidade e do personalismo

exacerbado. Nem cogitemos, aqui, de mentalizar títulos honoríficos, cursos superiores, *status* ou níveis sociais respeitáveis. Vale a pena recordar, ainda uma vez mais, a advertência prudente do apóstolo aos companheiros da assembléia de Corinto: “Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia” (I Cor. 10:12).

Ninguém estará impedido de ser rico, de desfrutar de poderes diante do mundo, de conquistar aplausos por seus dons intelectuais, de participar dos banquetes que às sociedades mundanas tenha conquistado. Pertence-nos o livre-arbítrio. Todavia, quando se aceita ser contado espontaneamente no número daqueles colocados a serviço do Senhor, na condição de trabalhadores ou obreiros do Evangelho, a postura a ser mantida é de servidor de Deus junto ao Cristo, exemplificando PRUDÊNCIA, ABNEGAÇÃO, HUMILDADE e DEVOTAMENTO.

Aí estão quatro instrumentos seguros e poderosos que muito ajudarão o sincero *exercitando do Evangelho* a manter-se, em tudo, fiel ao compromisso com o Cristo. Na vivência desta fidelidade, jamais atentará contra o espírito do Cristianismo Redivivo que é unir, integrar, recompor e fortalecer a gloriosa falange do Consolador e nunca dispersar, confundir, atordoar aqueles que, embora sinceros, são incipientes ainda na seara do Senhor.

Conviria que cada um de nós, mormente os que assumimos o compromisso de arautos da Doutrina-Luz, seja pela palavra nas Casas Espíritas, seja através da pena na intimidade de nossos gabinetes de estudo, refletíssemos a cada instante se o que dizemos ou escrevemos está contribuindo para unificar as mentes e os corações, em torno do Mestre, ou para afugentar, dispersar ou induzir a dúvidas...

Certa vez — já nos referimos noutra ocasião a este fato — alguém que votava simpatia pelo Espiritismo, mas não era espírita, perguntou-nos: “Por que brigam os espíritas? Por que nunca estão de acordo entre si?” E tivemos como que um choque. Na verdade, qualquer desencontro de idéias entre nós pode ser levado à conta de desentendimento, manifestação de intriga, desunião, inimizade, etc. Tal o espírito confraternizador do Evangelho redivivo no Espiritismo!

Por que não refletir sobre isso quem esteja descontente com alguma coisa e não perceba que está, por indução negativa, a serviço de Mamom? Ou será que os que assim procedem não perceberam que, em nossos dias, Mamom também pode representar os *aborrecidos da luz* infiltrados no coração daqueles que, cheios de suscetibilidades, por tudo se ferem, mostram-se descontentes por não serem suas idéias aceitas, ou querem de algum modo fazer-se notados?...

Não somos perfeitos, bem o sabemos. Estamos todos sujeitos a erros ou equívocos. E o Pai sabe disso, Ele que nos fez perfectíveis e que, por isso, é tão paciente com as nossas falhas. Por outro lado, não nos fizemos espíritas por acaso, nem ainda por acaso fomos aceitos no seio da falange encarnada do Consolador prometido pelo Cristo. Logo, a nossa postura no meio espírita exige de cada um de nós muita prudência, muito tato na interação com os outros e muita habilidade na interpretação dos atos daqueles que receberam determinadas incumbências nas atividades da vinha do Senhor.

Em todas as obras do Espiritismo as ações do obreiro fiel jamais dispensarão a exercitação cuidadosa do Evangelho, se ele estiver compenetrado da função santificadora de servo de Deus... ■

PRECE AO PAI NOSSO

PASSOS LÍRIO

Deus, amantíssimo Senhor!

Tantos anos são passados, quando vivíamos fustigados por abrasador lastro de negatividade em nossa alma, no tórrido deserto de pertinaz acomodação ao Mal, até que demos acordo do advento, no mundo, do Messias prometido, que veio a ser o Oásis providencial para mitigar nossa sede e fortalecer-nos na caminhada milenar que vimos palmilhando.

Ah, quão inestimável bênção foi essa em nossa destinação!

Quanta misericordiosa proteção a nós dispensada!

Tal suprema manifestação de benignidade dir-se-ia comovente apelo conclamando-nos à ascensão sem-fim na escalada espiritual.

Que bom, ao estudar o Evangelho, podermos ajuizar da extensão e intensidade do infinito Amor que nos dedicais, cujos harpejos harmoniosos captamos na orquestração das partituras da música divina.

Por vezes, insensatamente, nos queixamos de sofrimentos que nos acicatam a alma. Mas, Senhor, que importa o azorrague da dor, se ela é o crisol de depuração de nossas impurezas espirituais! Que importa o estrepitoso tumulto das paixões humanas, se, constatando-as, temos o livre-arbítrio como fator de opção na escolha de nossas atitudes e ações!

Depreendemos a infinitude das vibrações do vosso Amor, alçando-nos aos caminhos esplendorosos das estrelas, mediante a assistência de Mais Alto que nos facultais, que tanto engrandece nossa meditação, robustece nossa vontade, apura a nossa sensibilidade.

Pouco a pouco, nossa alma vai superando o lastro de suas inferioridades, preparando o próprio íntimo para harmonizar-se com os desígnios de vossa Suprema Vontade.

Que de Emissários vos dignastes de enviar-nos, Senhor, dentre eles, levando-lhes a dianteira e sobrepondo-se a todos, Jesus-Cristo, de cuja alma transcendental evolaram as fragrâncias de pura essência das verdades eternas.

Hoje, usufruímos a felicidade de ter-vos entregue nosso coração, embora ainda não de todo lapidado, mas já recebendo a ação do esmeril da Palavra de Vida Eterna do Senhor Jesus, na oficina do relacionamento humano, por vezes acidentado e contundente, para que, convenientemente lapidado, possa fulgir, com fulgor próprio, entre outras tantas jóias de subido valor no relicário divino.

Libertos do fascínio das ilusões estonteantes e sedutoras, que nos desgastavam as energias físicas e psíquicas, logramos depreender a frustração de nossos anseios de felicidade e queremos, agora, banhar-nos nas águas lustrais do Amor, para despojar-nos das impurezas acumuladas em nossa alma, na sucessão das idades e dos séculos, que tornaram indesejável nossa presença nos círculos de criaturas de mentes sãs e corações renovados.

Dai, Criador e Pai, que saibamos cultivar a alentadora esperança de conquistar nossa redenção espiritual e podermos transmudá-la em formosa realidade na floração dos nossos anelos, engastando nos refolhos de nossa alma o novo e maior mandamento que vosso Filho nos ministrou — “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.

Só aí então será mais luxuriante a Natureza, com suas relvas e campinas, com seus prados e bosques, com seus arbustos e arvoredos, com seus matagais e florestas, aljofrados pelo orvalho das manhãs radiosas dos arrebóis solares. Só aí então serão bem mais modulados os gorjeios dos pássaros, bem mais cadenciados os murmúrios das nascentes e fontes, bem mais estuante o despenhar das cascatas e escachoar das quedas d'água e cachoeiras, bem mais sonorosos os cicios das brisas nas galhagens das árvores. Só aí então serão mais bem entoados e envolventes os cânticos e hosanas, em coro, de todos nós, vossos filhos, glorificando-vos pela bênção alcançada de nos termos libertado de nós mesmos, passando a formar um só rebanho conduzido por um só Pastor ao Aprisco em que se comprazeu nos reunir a todos nós, seus tutelados, até então ainda ovelhas tresmalhadas.

Ó Senhor! tudo isso desejamos e a tudo isso aspiramos, para que possamos instaurar, na face da Terra, o vosso Reino. Dai-nos forças ante as lutas em que ainda nos vemos envolvidos, a fim de que saibamos, em vosso Nome, dar aos nossos semelhantes o que de bom e melhor já houvermos amalhado em nosso coração. ■

Reflexões de Napoleão em Santa Helena

EVANDRO NOLETO BEZERRA

Napoleão Bonaparte integra aquela plêiade de espíritos que influenciaram profundamente os acontecimentos do século em que viveram.

De origem humilde, nasceu em Ajaccio, na ilha da Córsega, nos derradeiros anos do reinado absolutista de Luís XV, com a missão de consolidar a paz e a segurança européias, tão necessárias à atuação de outro missionário ainda maior, que renasceria no mesmo país “com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus-Cristo”.

Naquela época, o luxo desenfreado e os abusos do clero e da nobreza, servindo de pano de fundo às idéias generosas dos enciclopedistas e filósofos, revoltaram aquele povo sofrido e miserável, predispondo-o a lutar pela conquista de direitos nunca antes imaginados. Compreende-se, dessa forma, a derrubada da Bastilha, em 1789, e a instalação do Terror, a partir de 1792, que fizeram de Paris e de outras localidades o palco de acontecimentos tão trágicos quão dolorosos na História recente da França.

Passado o ardor revolucionário, uma nova ordem social instala-se no país, permitindo a Napoleão Bonaparte alçar-se às culminâncias do poder, após testada com sucesso a sua habilidade de general nas campanhas militares empreendidas na Itália. No dia 2 de dezembro de 1804, julgando-se suficientemente fortalecido, faz-se coroar Imperador dos franceses na catedral de Notre-Dame, intimando Pio VII a deixar as comodidades de Roma para prestigiá-lo em Paris.

Infelizmente, o outrora “humilde soldado corso, destinado a uma grande tarefa na organização social do século XIX, não soube compreender as finalidades da sua grandiosa missão”, embriagando-se nas guerras de conquistas que espalhavam a miséria e a ruína no seio de outros povos. Waterloo representou o desmoronamento de sua ambição desmedida e o exílio definitivo em Santa Helena, que o afastaria para sempre dos acontecimentos de sua época.

O desterro do ex-Imperador naquele rochedo insalubre, localizado nas vastidões do Atlântico Sul, a cerca de 3.500 km das costas do Brasil, pouco seria conhecido, não fosse o registro de *Las Cases*, *Montholon*, *Gourgaud* e *Bertrand*, amigos que o seguiram voluntariamente ao cativo e que publicaram, anos após sua morte, as impressões que ouviram do próprio Bonaparte acerca dos mais variados assuntos, inclusive os que mais de perto diziam respeito à sua estada naquela possessão britânica. Tais relatos revelam um Napoleão completamente diferente daquele personagem que estamos acostumados a observar nos livros de História, alternando narrativas referentes às suas conquistas militares com assuntos que se inserem mais de perto na órbita da filosofia e da religião. Citemos alguns exemplos:

1. **“Onde está a alma de uma criança? Não me recordo do que eu era antes de nascer. Em que se transformará minha alma após a morte?”**

Desta simples pergunta, chegaremos pelo menos a três conclusões: 1) Que Napoleão cria na existência da alma; 2) que, diferentemente do ensino da Igreja, acreditava na preexistência do Espírito; 3) que admitia a continuidade da vida após a morte do corpo físico. Não são esses pontos defendidos pela Doutrina dos Espíritos?

2. “É absurdo acreditar que devemos aparecer em carne e osso no Juízo Final.”

Embora sem compreender inteiramente a alegoria do Evangelho, Bonaparte julgava inverossímil a plenitude da vida espiritual, independente e livre, com as limitações impostas pelo corpo de carne, que “ressuscitaria” naquela ocasião, consoante a doutrina da Igreja. Ainda aqui, seu pensamento se aproxima das teses reveladas pelos Espíritos Superiores.

3. “Por que, em virtude de alguns crimes cometidos na Terra, seríamos punidos eternamente?”

É sempre o mesmo grito de revolta contra os rigores da ortodoxia, distanciada dos verdadeiros mecanismos em que se fundamenta a Justiça Divina. Não há punição eterna, mas eternas oportunidades de expiarmos e de repararmos nossos erros, através da bênção da reencarnação. A dúvida de Napoleão é a dúvida de um homem que raciocina, que não abdica do direito de externar a sua própria opinião. Allan Kardec registraria mais tarde: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade.”

4. “Pode-se explicar tudo pelo magnetismo.”

Como todo homem inteligente, o vencedor de Austerlitz tinha horror ao maravilhoso e ao sobrenatural, não aceitando os chamados milagres do Evangelho nem, com mais razão, os promovidos pelos santos da Igreja. Nesse ponto, pensava como um espírita: “Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derrogá-las.”

Napoleão Bonaparte desencarnou no dia 5 de maio de 1821, em meio aos mais acerbos padecimentos, após 6 anos de um exílio que lhe valeu por um século de cativo. Segundo Emmanuel, “sua frente de soldado pode ficar laureada, para o mundo, de tradições gloriosas, e verdade é que ele foi um missionário do Alto, embora traído em suas próprias forças; mas, no Além, seu coração sentiu melhor a amplitude das suas obras, considerando providencial a pouca piedade da Inglaterra que o exilou em Santa Helena após o seu pedido de amparo e proteção. Santa Helena representou para o seu espírito o prólogo das mais dolorosas e mais tristes meditações, na vida do Infinito.”

Sua cinzas, devolvidas à França em dezembro de 1840, encontram-se abrigadas sob a cúpula dourada dos “Inválidos”, diante de uma esplanada monumental que se estende até o rio Sena. Seu Espírito, contudo, há de pairar nos altiplanos do Infinito, longe do burburinho do planeta que nos acolhe, ou, talvez, esteja bem pertinho de nós, reencarnado na figura de um ilustre desconhecido, aprendendo a valorizar a humildade e a fraternidade universais, vivendo no mundo sem pertencer ao mundo. ■

Bibliografia consultada:

- DUBY, G. - “Histoire de la France”.
- XAVIER, F.C. / Emmanuel (Espírito) - “A Caminho da Luz”. 22^a ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- LAS CASES, GOURGAUD, MONTHOLON, BERTRAND - “Napoléon à Sainte-Hélène”.
- KARDEC, Allan - “A Gênese”, 36^a ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- KARDEC, Allan - “O Evangelho segundo o Espiritismo”, 112^a ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996.

ADVERSIDADES

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

São muitos os inimigos e adversários que temos de enfrentar em nossas vidas. Tanto no ser eterno quanto no corpo denso, arrostamos inimigos que se instalam em forma de enfermidades físicas e morais. Aquelas acometem o corpo somático; estas infestam a alma imortal.

As primeiras decorrem de causas diversificadas tais como a degeneração dos próprios órgãos e tecidos pela ação do tempo; o mau uso a que submetemos nosso corpo, sujeitando-o a vícios e abusos variados como o do fumo, do álcool, o dos entorpecentes, o dos desregramentos sexuais, a demasiada alimentação e o insuficiente repouso, a inadequada atividade ou a excessiva inação, além de muitos outros hábitos perniciosos.

Dentre os vícios que mais danos acarretam destacam-se o tabagismo, o alcoolismo e o consumo de várias drogas.

A submissão ao fumo leva a pessoa a expor a função pulmonar a risco muitas vezes fatal como o do enfisema, que além de reduzir a capacidade respiratória torna-a penosa e dolorosa, acarretando conseqüências danosas a outros órgãos com sacrifício do metabolismo humano. Por sua vez, a viciação em bebidas alcoólicas trará, forçosamente, o entorpecimento do fígado, facilitando o advento da cirrose e várias outras moléstias, afetando, inclusive, o sistema nervoso. Conduz, pois, inexoravelmente, a criatura à degradação.

Quanto às drogas, ninguém mais pode ter dúvidas da degeneração que impõem ao indivíduo, tanto ao que a elas está subjugado quanto àquele que as mercadeja. São as criaturas incursas nas penalidades decorrentes das graves violações das leis naturais e humanas.

Sabemos que na Terra as doenças são numerosas e têm sido preocupação constante do homem. A Ciência mostra que se não fossem as defesas naturais do corpo humano, as descobertas dos microorganismos com o advento do microscópio, as vacinas, as assepsias já alcançadas e outras conquistas, o panorama das enfermidades seria ainda mais apavorante. Dentre aquelas defesas mencionadas, os pesquisadores apontam o envolvimento do corpo humano pela pele, derma e epiderme, como uma barreira à penetração de microorganismos e até com capacidade para exterminar muitos que ali se depositam. As mucosas nasal, pulmonar, intestinal, etc. são outros tantos obstáculos de que a Natureza dispõe para defender o organismo humano contra a incursão externa perigosa e indesejável. Mas, internamente, dispõe o corpo humano de organização a serviço de sua defesa. São mecanismos de autodefesa automaticamente acionados e que entram imediatamente em atividade sempre que ocorre uma lesão, um risco, uma invasão microbiana, etc.

Os medicamentos, as diversas terapias, os hábitos saudáveis e higiênicos e outros fatores são outros tantos recursos de defesa do organismo humano. Mas, além desses meios que fazem parte da matéria densa, há outros pouco ou menos conhecidos mas também relacionados com a nossa integridade física e que constituem seus poderosos defensores os quais, entretanto, não estão catalogados pela ciência do mundo. No futuro, quando a luz se fizer nos horizontes dos observadores atentos, eles irão constatar a efetiva existência de outras proteções. Exemplo típico é o da aura humana. A vibração das nossas células faz com que emitam radiações que formam um halo energético em

torno de nós semelhante a uma túnica eletromagnética. É o que constitui a aura e dentre as suas funções podemos citar que representa defesa do corpo contra várias espécies de microorganismos. Saliente-se, contudo, que ainda não foi devidamente considerada pela ciência oficial.

Mas não é só. As energias cósmicas, a luz solar, os fluidos ainda não pesquisados constituem poderosos elementos a serviço da saúde humana, atuantes permanentemente, a despeito e à revelia da nossa ignorância e da insensibilidade em face da sua ação e eficácia.

Em síntese, estão mencionados alguns dos inimigos do corpo humano e dos modos de defendê-lo. Assim, esses infortúnios fundamentam a nossa constante preocupação em virtude da perspectiva que representam de dores e sofrimentos ou até a da própria morte.

Mas há outros males que se instalam em nosso interior e parecem ter vida simbiótica em nossa alma, em processos doentios demorados, de difícil erradicação. O egoísmo, o orgulho, a vaidade, o desânimo, a inveja, o ciúme, o ódio e tantos outros que infestam a alma tornando-a enfermiça e terminam por impor ao próprio corpo físico conseqüências mórbidas dolorosas.

Todas as desditas humanas decorrem da inobservância e da infringência das leis divinas, resultam das nossas imperfeições, as quais ditam nossos procedimentos malévolos com os semelhantes, advindo daí os efeitos desastrosos a despontarem em nosso caminho.

O renascimento em mundos como a Terra já revela a presença de imperfeições e os quadros dolorosos de nossas vidas também constituem, muitas vezes, seguros indicadores de que, de alguma maneira, deixamos de observar a obrigação de fazer o bem ao semelhante ou, mais grave ainda, demonstram outras vezes claramente, que nossas feridas são resultantes de outras tantas chagas abertas, outrora, por nós em irmãos do caminho.

Há nas leis naturais escala verdadeira de valores, a qual, quando devidamente observada e adotada, impulsiona o progresso da criatura, aperfeiçoando-lhe a alma imortal. Sabemos que a situação social das pessoas é tão variada como o são suas atividades. Seu comportamento também é diversificado de conformidade com seu adiantamento moral. Portanto, os valores são escalonados sob os aspectos moral, econômico e intelectual. Perante as leis naturais nada impede que essas três condições coexistam na criatura, em elevado grau, ou cada qual isoladamente. Todavia, somente o aperfeiçoamento moral caracteriza o verdadeiro progresso perante as normas divinas.

Muitas pessoas que ocupam posições sociais elevadas e até mesmo no exercício de funções e atividades religiosas relevantes, diante das disposições divinas, são havidas como deficientes em termos de bondade, compreensão, fraternidade, em razão de seus comportamentos no trato com os semelhantes. Não é raro observar-se a desatenção com que tratam as pessoas. Entendem que as altas funções que exercem no seio da sociedade são mais importantes do que as próprias criaturas. Sempre ocupadas e apressadas não podem dispensar um instante sequer a um irmão, a um amigo do caminho. Alegam que não dispõem de tempo. Seus próprios filhos são tratados como se fossem estranhos. Não têm tempo para amá-los, para educá-los na faculdade de amar. Esquecem-se tais criaturas que o tempo é algoz dos que erram e abençoado bálsamo dos injustiçados. Que o importante é a pessoa, é o próximo, o nosso semelhante. O que conta no fim da trilha que leva ao túmulo é o amor que se dedica e este é a chave que abre a porta para a senda de luz e felicidade depois do sepulcro. O menosprezo dessa verdade enseja muitas adversidades no futuro.

Portanto, não basta abstermo-nos de praticar o mal. Os princípios universais que regulam a evolução impõem-nos o dever de promover sempre o bem do próximo.

Todos nós na Terra enfrentamos dificuldades inumeráveis, as quais fazem parte do processo evolutivo. Mas as dores e vicissitudes, antes de tudo, devem sempre servir de alerta de que jamais devemos impô-las aos semelhantes.

Permanentemente temos de lembrar-nos de que vivemos cercados pela Infinita Misericórdia a começar pelo dom da vida, pelas possibilidades de amar e de ser amados, de servir e pagar dívidas, de trabalhar e evoluir, de recolher a cada manhã como raios de luz a renascente esperança de felicidade e a certeza de que a morte não existe. ■

Voltando para casa

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

É chegado o momento de voltar para casa. Os olhos, o corpo e o coração de quem caminha preferem, desta vez, não olhar para trás. Talvez estes sejam alguns dos passos mais duros e inesquecíveis dados no decorrer de uma vida.

A poucos metros dali, ficou o corpo do ser querido, velado sob a amarga vigília das horas choradas, diante das quais as lembranças ininterruptas de todos os momentos vividos em comum se fizeram presentes, bem como os infundáveis porquês dos que se viram no direito de perguntar a Deus a razão dEle ter querido levar o ente amado daquela forma, naquele momento.

O ato de entrar de novo em casa, agora um pouco mais vazia, inaugura também o ingresso emocional nos lutos da perda e solidão, que invadem o coração de forma silenciosa, para ocuparem por algum tempo o espaço ausente do outro.

Os armários e as gavetas, repletos das lembranças de quem acabou de partir, insistem em deixar no ar uma atmosfera de que aquilo é um sonho e que, como ocorre todos os dias, também vai passar e tudo voltará ao normal. Alguns fazem a opção de pedir um prazo ao tempo e mergulham no cultivo da saudade, que se manifesta no ato de diariamente arrumar o quarto daquele que já morreu.

Conheço pessoas que agiram de forma diferente, nessa hora. De imediato, arrumaram as roupas, os pertences, os brinquedos que não mais serviriam naquele ambiente e distribuíram para creches, hospitais e asilos. Só que o fizeram com o coração trancafiado pela ausência de perdão aos desígnios divinos, e então iluminaram pela metade o que poderiam ter feito por inteiro. O gesto de amor e desprendimento acabou por não desprendê-las do fardo da tristeza, que mais tarde volta a aparecer, fazendo com que a vida se transforme em um mar de lamentações e de lágrimas.

Mais difícil do que vencer as lembranças dos que foram para o além é a descoberta de que a morte passou perto e, da mesma maneira firme e serena como levou nosso amor, deixou no ar um desafio, a nos instigar constantemente: *por que você não aproveita a oportunidade e tenta descobrir o que os sábios querem dizer, quando afirmam que eu sou uma mensageira da vida, e não o retrato do fim?*

A respeito desse assunto de tão grande importância, um primo que não via há muito tempo proporcionou-me uma vivência muito interessante, certa vez. Sua mãe morrera havia alguns anos, o que lhe causara uma dor profunda, quase insuperável. Materialista de convicções arraigadas, jamais aceitara ao menos refletir sobre alguns dos pontos de vista e idéias que eu, seu primo, sustentava, uma vez por outra, quando passava com ele algumas horas.

Todas as vezes em que conversávamos, fazia questão de sobrepor-se aos argumentos espíritas, afirmando que os temas “vida após a morte”, “imortalidade da alma” e “reencarnação” provocavam-lhe especial enfado, não preenchendo nenhuma das necessidades intelectuais de sua vida de magistrado.

Depois da desencarnação da mãe, meu parente sofreu outra dor profunda. O irmão com que ele mais se afinava também morreu, deixando-o em preocupante estado de consternação e revolta.

No dia do enterro, ele ficou com a incumbência de acompanhar a preparação do jazigo da família, a fim de colocar ali o corpo inerte do companheiro inesquecível. Assim que o último tijolo que cobria a entrada do túmulo foi retirado, viu, reunidos em um saco

plástico, os ossos daquela que em vida fora sua mãe; perto do embrulho, observou ainda alguns maços de cabelo da mãezinha adorável, cuja partida tanto lhe fez sofrer.

Diante daquele quadro, ele, acompanhado apenas da esposa, parou por um instante e sentiu uma vibração diferente bater-lhe no íntimo do peito. Levantando-se depois de alguns minutos, olhou para a mulher e afirmou:

— Meu bem, acho que neste momento estou descobrindo que a alma é realmente imortal. Preste bem atenção na cena que vemos nesse túmulo, onde colocaremos dentro em breve o corpo de meu irmão. Os ossos e os restos de cabelo de minha mãe estão me falando, com silenciosa persistência, que a mulher franzina que cuidou de mim com imenso amor durante tão longos anos, sem nunca ter reclamado atenção e carinho; que se dedicou feito missionária ao apostolado da renúncia, sem jamais ter pedido reconhecimento pela fiel execução das árduas tarefas, não pode ter acabado dessa forma. *Recuso-me a crer que minha mãezinha resume-se hoje a esse monte de ossos.*

Procurando-me depois dessa belíssima vivência, perguntou-me, de imediato: — “Diga-me logo, onde está mamãe? Abra, por favor, para mim, as portas da espiritualidade para que eu mesmo faça a viagem da busca”.

Depois de um longo e afetuoso abraço, disse-lhe que o anseio da procura começava no esforço do estudo incessante das obras de Allan Kardec e ia se concretizando aos poucos, à medida que ele se transformasse no homem de bem que a vida nos pede que sejamos, uma vez que essa efetiva mudança pessoal para melhor remete o novo ser aos ambientes elevados, aonde estão as chances de reencontro com os que nos merecem amor.

Naquele dia, meu primo voltou para casa, após o enterro do corpo do irmão, com os pés e a alma buscando outra direção. Não mais com a pesada sensação de vazio e revolta, mas com a esperança de que por trás da experiência da morte há a expectativa do reencontro, a realidade infinita da vida e a grandeza da misericórdia de Deus, a dizer, para os que aprenderam a ouvir, que morrer é sobretudo uma volta e que ninguém ficará sem estar de novo com aqueles que ama verdadeiramente. ■

A PARÁBOLA DO SEMEADOR

ROBINSON SOARES PEREIRA

Encontramos nos evangelistas Mateus (13:1-9 e 18-23), Marcos (4:1-20) e Lucas (8:4-15) essa parábola, que como todas as proferidas pelo Mestre Jesus, continua atual.

Disse Jesus:

— Aquele que semeia saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. — Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde havia caído. — Mas, levantando-se, o sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. — Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. — Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. — Ouça quem tem ouvidos de ouvir.

Quanto à parte da semente que caiu ao longo do caminho, Jesus alerta ao que escuta a palavra e não lhe dá a atenção devida, ressaltando o perigo que corre por estar sujeito às tentações que solapam as frágeis bases, mal alicerçadas pela incompreensão, motivada pela pouca vontade em aclimatar as palavras ao “coração”. O Codificador, intuído pelos Espíritos Superiores, fala daqueles para os quais elas não passam de letras mortas e nenhum fruto dão. Vemos, também, essas pessoas que chegam às Casas Espíritas, muitas até ficam por longos anos, mas nada aprendem, ou aprendem muito pouco. Lêem, ouvem palestras, participam de estudos, mas não mudam uma vírgula sequer nas suas vidas. Vêem o Espiritismo como mais uma religião, que adotaram e freqüentam, socialmente, para terem uma religião. São apressados em se retirarem logo que acaba a reunião, como se fosse um fardo pesado estar ali, por aquelas poucas horas na semana.

A outra parte, a que caiu em lugares pedregosos, Jesus compara àquele que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas, não tendo raízes, dura apenas algum tempo. Kardec nos fala dos que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações... Temos aí os que chegam com mil idéias diferentes. Dispostos a fazer isso e mais aquilo, mas, quando chamados a participar, pondo as idéias em prática pelo trabalho, logo desistem. Alegam compromissos vários que não lhes darão tempo para se dedicarem à causa. Vemos, ainda, aqueles que só buscam o Espiritismo para lhes proporcionar a cura dos seus males. E quando obtêm uma melhora, mesmo que temporária, afastam-se da Casa Espírita, alegando não necessitarem mais do tratamento, por acharem-se “curados”.

Na parte das sementes que caiu entre espinheiros, Jesus assemelha aquele que escuta a palavra, mas, em quem, logo, os cuidados e as ilusões da riqueza abafam a palavra e a tornam infrutífera. Kardec refere-se àqueles que reconhecem os bons conselhos, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios. Temos aí, também, os que se dizem espíritas, mas dão prioridade aos compromissos profissionais, sociais, etc. Não perdem uma oportunidade de “descanso”, tirando férias prolongadas dos compromissos assumidos, passando a outros a tarefa que lhes competia realizar. Tratam o Espiritismo como o próprio emprego. Os cuidados materiais ainda prevalecem sobre os cuidados espirituais. Triste situação em que se encontra grande parte da humanidade terrena.

Finalmente, aquela parte das sementes que caiu em terra boa e produziu frutos equipara-se àquele que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos... Kardec nos diz que são aqueles para os quais essas instruções (Evangelho) são como a semente que cai em terra boa e dá frutos.

Graças a Deus, muitos já fazem parte dessa sementeira e já se podem dizer cristãos e espíritas de fato. “Sacrificam” gozos, horas de folga, férias profissionais, descansos semanais, bens materiais, ganhos financeiros maiores, para se dedicarem ao Espiritismo, como verdadeiros apóstolos do Cristo na era moderna. Não há necessidade de citar nomes. São conhecidos de todos nós. Mas vamos imaginar que podemos chegar lá, se optarmos, como eles, por servir ao Cristo com perseverança, coragem, abnegação, se fizermos como eles, que já entenderam que o “sacrifício” é só aparente, pois nenhum gozo ou bem da Terra pode nos dar a alegria, o prazer e a verdadeira felicidade que o trabalho com Jesus nos proporciona. ■

FEB - DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE

III ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES DE DIJs

Dentro das comemorações dos 20 anos da Campanha de Evangelização Espírita Infante-Juvenil, a Federação Espírita Brasileira promoverá com plena aceitação do Conselho Federativo Nacional um Encontro Nacional de Diretores de Departamento de Infância e Juventude das Federativas Estaduais.

Esse encontro tem por objetivo refletir sobre os rumos da Evangelização Espírita da criança e do jovem e planejar ações futuras.

Pela análise desse objetivo se deduz da importância do evento, pela oportunidade que o mesmo oferecerá de reflexão sobre o que se está fazendo nessa área, o que deve permanecer e o que deve ser mudado.

Após 20 anos de Campanha Permanente tornou-se imprescindível uma avaliação do seu curso e o estabelecimento de novos rumos de acordo com as necessidades que se vêm detectando ao longo desse tempo.

Para se ter uma idéia mais clara da abrangência desse Encontro, transcrevemos a seguir o anteprojeto que está sendo levado à consideração das Federativas Estaduais, através das Comissões Regionais:

ANTEPROJETO

1. Identificação:

Promoção: Federação Espírita Brasileira.

População Alvo: Diretores de DIJs e coordenadores de infância e juventude.

Data: de 24 a 26 de outubro de 1997.

Local: Sede da FEB. Brasília — DF.

Horário: início às 20h do dia 24/10 e término às 12h do dia 26/10/97.

2. Objetivo Geral:

Refletir sobre os rumos da Evangelização Espírita da criança e do jovem no Brasil e planejar ações futuras.

3. Objetivos Específicos:

a) Analisar as bases da Evangelização, reforçando a visão dos trabalhadores quanto ao direcionamento proposto pelo Plano Espiritual Superior.

b) Analisar propostas de trabalho utilizadas pelos DIJs das Federativas Estaduais e compará-las com a orientação vinda do plano espiritual a esse respeito.

c) Compatibilizar as ações desenvolvidas nos Estados com o plano de trabalho oferecido pela Espiritualidade Maior.

d) Analisar os obstáculos que estão se antepondo à boa marcha da Evangelização.

e) Estabelecer um direcionamento comum para o trabalho de Evangelização a fim de que se atinjam as metas segundo a orientação desses Espíritos.

4. Atividades:

- a) A tarefa dos espíritas brasileiros: A Missão da Evangelização da criança e do jovem.
- b) Análise e discussão dos planos de trabalho dos DIJs das Federativas Estaduais.
- c) Estudo e discussão dos conceitos de: modernidade, originalidade; processo de mudanças e mitos daí decorrentes; modismos e critérios de qualidade.
- d) Análise da opinião dos Espíritos Superiores sobre a Evangelização Espírita.
- e) Destacar as bases da Evangelização e o plano de trabalho oferecido pelos orientadores espirituais.
- f) Apresentar as propostas de compatibilização das tarefas com o plano de trabalho sugerido pelos Espíritos Superiores.
- g) Apresentação da nova edição do Currículo para Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil.
- h) Atividades de Arte.

5. Avaliação:

- O Encontro será satisfatório, se no decorrer dos trabalhos:
- ocorrerem manifestações de entendimento das bases da Evangelização Espírita;
 - os participantes apresentarem propostas de ações para a Evangelização, contemplando o planejamento do Mundo Espiritual.

A Federação Espírita Brasileira hospedará os participantes, reservando quatro vagas para cada Federativa Estadual.

É oportuno lembrar que as pessoas designadas para participarem do Encontro devem ser aquelas engajadas nas atividades desenvolvidas pela Federativa Estadual que representem e que possuam experiência no trabalho de Evangelização Infanto-Juvenil.

O sucesso dessa realização dependerá do comparecimento de todas as Federativas Estaduais, através do seu Departamento de Infância e Juventude. ■

ESFLORANDO O EVANGELHO - EMMANUEL

POR QUE DESDENHAS?

“Examinai tudo. Retende o bem.” — Paulo. (I TESSALONICENSES, 5:21.)

O cristão não deve perder o bom ânimo por mais inquietantes se apresentem as perplexidades do caminho. Não somente no que diz respeito à dor, mas também no que se reporta a costumes, acontecimentos, mudanças, perturbações...

Há companheiros excessivamente preocupados com a extensão dos erros alheios, sem se precatarem contra as próprias faltas. Assinalam casas suspeitas, fogem ao movimento social, malsinam fatos ou reprovam pessoas, antes de qualquer exame sério das situações. E nesse complexo emocional que os distancia da realidade, dilatam desentendimentos com pretensas atitudes de salvadores improvisados, que apenas acentuam a esterilidade do fanatismo.

Longe de prestarem benefícios reais, constituem material neutralizante do movimento renovador.

O Evangelho do Cristo, contudo, não instituiu cubículos de isolamento; procura estabelecer, aliás, fontes de Vida Abundante, em toda parte.

Examinar com imparcialidade é buscar esclarecimento.

Por que a condenação apressada ou a crítica destrutiva? Quando Paulo dirigiu a célebre recomendação aos tessalonicenses não se reportava apenas a livros e ciências da Terra. Referia-se a tudo, incluindo os próprios impulsos da opinião popular, com alusão aos fenômenos máximos e mínimos do caminho vulgar.

Em todas as ocorrências dos povos e das personalidades, em todos os fatos e realizações humanas, o aprendiz fiel da Boa Nova deve analisar tudo e reter o bem.

Por que te afastares do trabalho e da luta em comum? Por que desencorajar os que cooperam na lide purificadora com o teu impensado desdém? Se te sentes unido ao Cristo, lembra-te de que o Senhor a ninguém abandona, nem mesmo os seres aparentemente venenosos do chão. ■

(Do livro “Vinha de Luz”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 154, págs. 323 e 324, 14ª ed. FEB.)

ESTUDO SOBRE A MEDIUNIDADE

SILVIO E CLARICE SENO CHIBENI

1. Introdução

A mediunidade desempenha papel essencial no estabelecimento da base experimental da ciência espírita e nas atividades dos centros espíritas. Seu estudo sistemático e contínuo possibilita a correta compreensão tanto de sua natureza como de suas finalidades, habilitando-nos a dela obter seguros e produtivos resultados, com vistas ao nosso aperfeiçoamento intelectual e moral.

Esse estudo deve necessariamente estar centralizado no mais completo e profundo tratado que já se escreveu sobre a mediunidade: *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. Os presentes apontamentos devem ser tidos unicamente como uma exposição incompleta de alguns tópicos importantes, destinada a facilitar posteriores contatos com essa obra fundamental e a vasta literatura subsidiária surgida desde sua publicação, em 1861.

No Vocabulário Espírita que forma o capítulo 32 desse livro, Kardec dá como sinônimos os termos *mediunidade* e *medianimidade*, definindo-os como “a faculdade dos médiuns”. Quanto à palavra *médium*, Kardec explicita o seu significado em várias passagens de suas obras, como por exemplo nesse mesmo Vocabulário, onde se encontra esta definição sucinta:

MÉDIUM (do latim, *medium*, meio, intermediário). Pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens.

Ao analisar os conceitos de médium e de mediunidade, faz notar que a palavra *médium* comporta duas acepções distintas, expressas com clareza neste trecho da *Revue Spirite*:¹

Acepção ampla:

Qualquer pessoa apta a receber ou a transmitir comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, quaisquer que sejam o modo empregado e o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até à produção dos mais insólitos fenômenos.

Acepção restrita:

Em seu uso ordinário, todavia, esse termo tem uma aplicação mais restrita, aplicando-se às pessoas dotadas de um poder mediador suficientemente grande, seja para a produção de efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Quando analisamos um texto ou um discurso onde o termo *médium* aparece, é importante reconhecer em qual desses sentidos está sendo empregado, a fim de se evitarem mal-entendidos e discussões sem fundamento. Assim, por exemplo, a afirmação feita no parágrafo 159 de *O Livro dos Médiuns* de que “todos [os homens] são quase médiuns” deverá ser entendida apenas na acepção *ampla* do termo, pois sabemos, pela questão 459 de *O Livro dos Espíritos*, que todos somos passíveis de receber a influência dos Espíritos, ainda que sob a forma sutil de intuição. Incorreremos em grave equívoco se concluirmos daí que todos somos mais ou menos médiuns no sentido *restrito* e usual da palavra, ou seja, se julgarmos que todos podemos produzir manifestações ostensivas, tais como a psicofonia, a psicografia, os efeitos físicos etc.

2. A natureza da mediunidade

Limitando-nos daqui para frente à aceção restrita do termo 'médium', que é a mais usual e relevante, estaremos, no que se vai seguir, entendendo a *mediunidade* como a aptidão especial que certas pessoas possuem para servir de meio de comunicação entre os Espíritos e os homens.

A questão que naturalmente surge neste ponto é a de se determinar qual é a *natureza* da faculdade mediúnica: quais as suas causas, por que surge somente em determinadas pessoas e em modalidades e graus diversos, se é passível de desenvolvimento forçado mediante alguma técnica etc.

Um aspecto central relativo à natureza da mediunidade acha-se exposto na resposta à questão que Kardec endereçou aos Espíritos no parágrafo 226 de *O Livro dos Médiuns*:²

O desenvolvimento da mediunidade guarda proporção com o desenvolvimento moral dos médiuns? “Não; a faculdade propriamente dita prende-se ao organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium.”

Como observamos pela resposta dos Espíritos, a capacidade de servir de “ponte” entre o mundo espiritual e o mundo material está ligada a fatores de ordem orgânica. Esse ponto encontra-se exarado em vários lugares das obras de Kardec e de outros autores espíritas abalizados, passando, no entanto, despercebido à maioria das pessoas, mesmo espíritas.

Já em 1859 Kardec afirmava, em seu livro *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* que “essa faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento.”³ Em *O Livro dos Médiuns* as referências nesse sentido são numerosas. No parágrafo 94, por exemplo, que trata das manifestações físicas espontâneas, os Espíritos informam que a aptidão de ser médium de efeitos físicos “se acha ligada a uma disposição física”. Bem mais adiante, ao estudar a formação dos médiuns (§ 209), Kardec retorna ao assunto:

Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever [mediunicamente] a seu mau grado, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta faculdade se prende a uma disposição orgânica.

Notemos que nesta última passagem há referência a mais um princípio importante: a mediunidade não depende das *convicções filosóficas* ou das *crenças religiosas* do médium.

Por fim, em resposta à questão 19 do parágrafo 223 desse mesmo livro os Espíritos esclarecem que “a mediunidade propriamente dita independe da inteligência bem como das qualidades morais” do médium. Portanto a mediunidade independe também do desenvolvimento *intelectual* do médium.⁴

Resumindo o que vimos até aqui:

A mediunidade é a faculdade especial que certas pessoas possuem para servir de intermediárias entre o Espíritos e os homens. Ela tem origem orgânica, e independe:

- da condição moral do médium;
- de suas crenças;
- de seu desenvolvimento intelectual.

No parágrafo 200 de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec deixa claro que “não há senão um único meio de constatar [a existência da faculdade mediúnica em alguém]: a *experimentação*.” Ou seja, só poderemos saber que uma pessoa é médium observando que *efetivamente* é capaz de servir de intermediário aos Espíritos desencarnados.

Isso naturalmente remete à importante questão do *desenvolvimento da mediunidade*. Por sua importância e pelas confusões e equívocos a que se tem prestado, merece ser abordada numa seção especial.

3. O desenvolvimento da mediunidade

Uma primeira observação a ser feita é que se a presença da faculdade mediúnica em uma pessoa independe de sua condição moral, intelectual e de crença, ninguém poderá tornar-se médium *tão-somente* pelo fato de moralizar-se, ou de estudar, ou de aderir às convicções espíritas. É evidente que essas atitudes serão de imenso proveito para a criatura, pois a colocação em condições de *compreender e utilizar bem* a faculdade mediúnica que porventura possua.

É significativo, a esse respeito, que Kardec tenha alertado já no terceiro parágrafo da Introdução de *O Livro dos Médiuns* que muito se enganaria aquele que “supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns.” Lança mão, a seguir, de uma comparação muito clara e objetiva, que esclarece o assunto à saciedade (os destaques são nossos):

Se bem que cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a *ninguém* é dado conseguir se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de algumas dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam no emprego de suas *faculdades naturais*. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, *tanto quanto o permitam as disposições de cada um*, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, *quando ela exista*.

O caráter espontâneo da faculdade mediúnica é ainda destacado no parágrafo 208 de *O Livro dos Médiuns* (o destaque é nosso):

Se os rudimentos da faculdade [mediúnica] não existem, *nada* fará que apareçam[...].

No capítulo intitulado “Manifestações dos Espíritos” de *Obras Póstumas* (parágrafo 6, nº 34) encontramos esta densa passagem (destaque nosso):

O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e *pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista*.

E no parágrafo 198 de *O Livro dos Médiuns*, que trata da diversidade das faculdades mediúnicas, lemos ainda:

Em erro grave incorre quem queira forçar a todo custo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua. Deve a pessoa cultivar todas aquelas de que reconheça possuir o gérmen. Procurar à força ter as outras é, antes de tudo, perder tempo, e, em segundo lugar, perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que seja dotado.

Encerrando esse parágrafo, Kardec transcreve comunicação mediúnica de Sócrates sobre o desenvolvimento da mediunidade, que contém grave advertência:

Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna então joguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.

Apenas como exemplo de opinião de um outro autor, corroborativo da de Allan Kardec, vejamos como Emmanuel responde à questão 384 de seu livro *O Consolador*, questão essa que versa especificamente sobre o tema que estamos focalizando:

Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

— A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, *toda a espontaneidade é indispensável*, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

Logo em seguida, em resposta à questão 386, o conceituado Espírito reitera:

Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se contudo, a floração mediúnica *espontânea*, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade [...].⁵

Precisamos portanto estar vigilantes quanto à opinião, infelizmente tão comum no meio espírita, de que as pessoas que aparecem nas casas espíritas devem, cedo ou tarde, ser encaminhadas às chamadas “sessões de desenvolvimento mediúnico”. São dois os motivos mais freqüentemente alegados para esse tipo de recomendação: 1) o empenho e dedicação com que alguém se interesse pelo Espiritismo, sugerindo, segundo julgam, que tem “todas as condições” para exercer a mediunidade; 2) os desequilíbrios variados de saúde ou de comportamento que apresente, notadamente quando venham desafiando a perícia dos médicos.

Ora, no primeiro caso dever-se-ia ponderar que as boas disposições da pessoa deverão ser aproveitadas antes de mais nada em seu aperfeiçoamento intelectual e moral, e, em se tratando de sua colaboração nas atividades do centro espírita, naquele setor ao qual mais se ajuste por sua formação profissional, seus interesses e disponibilidades, quais sejam a condução de estudos, a evangelização infanto-juvenil, a administração, a biblioteca, as visitas fraternas, a costura de enxovais, a faxina, a distribuição de alimentos, a acolhida aos novos freqüentadores etc., ou os trabalhos mediúnicos, se os sinais de mediunidade se apresentarem de forma espontânea.

No segundo caso, que é o mais freqüente, seria preciso compreender que *o mero fato de alguém encontrar-se desequilibrado significa que não pode ser inserido no grupo mediúnico*, sob o risco de comprometer o seu bom funcionamento. A mediunidade em si é uma faculdade neutra, que não tem qualquer conexão com os desajustes físicos, mentais e espirituais da criatura. Estes surgem por motivos específicos, e requerem o tratamento médico, psicológico ou espírita adequado ao caso. Somente após seu retorno à normalidade é que a pessoa poderá participar, como médium, dos trabalhos mediúnicos, se a faculdade surgir espontaneamente. O exercício da mediunidade não é recomendável na presença de determinadas enfermidades físicas, como por exemplo, nas doenças contagiosas, ou onde o equilíbrio orgânico esteja “por um fio” e a atividade mediúnica envolva situações que emocionem muito o médium. No caso dos desequilíbrios mentais e espirituais, o exercício mediúnico não pode nunca ser iniciado, ou continuado. Um médium nessas condições não poderá contribuir positivamente, além de gerar dificuldades para o grupo, facilitando mesmo a atuação de Espíritos interessados na instalação da desarmonia, dos melindres, das suspeitas, do enregelamento das relações entre os membros.

O desenvolvimento mediúnico a ser promovido nos centros espíritas não deve nunca ser entendido como o aprendizado de técnicas e métodos para fazer surgir a

mediunidade, pois que não os há nem pode haver, mas exclusivamente como o aprimoramento e direcionamento útil e equilibrado das faculdades surgidas de forma natural, o que pressupõe o aperfeiçoamento integral do médium, por meio do estudo sério e de seus esforços incessantes para amoldar suas ações às diretrizes evangélicas.

Ressaltemos, outrossim, que os núcleos espíritas não deverão iniciar qualquer trabalho mediúnico, quer de desenvolvimento (no sentido correto do termo), quer, menos ainda, de assistência aos Espíritos enfermos, se não estiverem seguros de que dispõem de colaboradores suficientemente preparados, por seus conhecimentos doutrinários, por seu equilíbrio psicológico e por sua conduta cristã, que disponham de tempo para encetar com regularidade tão delicada tarefa.

Resumindo o que foi visto nesta seção:

- A mediunidade é uma faculdade natural, que surge espontaneamente.
- Não se deve procurar desenvolvê-la enquanto não aflorar por si só.
- O desenvolvimento da mediunidade deve ser entendido unicamente como a sua educação, o seu aprimoramento, a sua disciplina, o seu direcionamento útil para o bem.
- A mediunidade não é a causa primária dos desequilíbrios orgânicos e psicológicos.
- O exercício da mediunidade não deve ser colocado como a culminação obrigatória das atividades do cooperador da casa espírita.

4. Os mecanismos da mediunidade

Na presente seção procuraremos reunir alguns informes sobre os mecanismos da faculdade mediúnica, ou seja, sobre *como* se dá o fenômeno mediúnico. A fonte básica continuará sendo Allan Kardec. Iniciemos com este trecho, já parcialmente transcrito, do capítulo “Manifestações dos Espíritos” de *Obras Póstumas* (§ 6, nº 34; o destaque é nosso):

O fluido perispírico é o agente de *todos* os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação *recíproca* dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos.

Esmiuçando as informações aqui contidas, notamos:

- 1) O perispírito desempenha papel de capital importância no processo mediúnico.
- 2) Sendo o perispírito “o agente de *todos* os fenômenos espíritas”, e estes só podendo produzir-se pela ação *recíproca* dos fluidos que emitem o médium e o Espírito, temos como regra sem exceções que, ocorrendo um fenômeno de comunicação com o mundo espiritual, *necessariamente* haverá a participação de um médium. Em alguns casos, como em certas manifestações de efeitos físicos, não se nota a presença do médium, mas podemos estar certos de que haverá alguém, em algum lugar, servindo de médium ainda mesmo que este não esteja consciente do papel que desempenha. Também percebemos que serão vãos os esforços de certos pesquisadores que, desprezando a riquíssima contribuição do Espiritismo para o estudo daquilo que (impropriamente) denominam “paranormalidade”, tentam detectar o Espírito unicamente por meio de aparelhos. Se algum instrumento chegar a registrar um espírito, é porque houve a participação oculta de algum médium. Neste caso, seria mais confiável analisar a manifestação diretamente, sem o recurso indireto de instrumentos, que sempre constituem fonte adicional de incertezas.⁶
- 3) A presença da faculdade mediúnica em alguém liga-se à possibilidade de seu perispírito “expandir-se”. Veremos logo mais que essa “expansão” do corpo espiritual pode ser entendida como a sua parcial desvinculação do corpo físico.

4) A efetivação da comunidade exige, além da “expansão” do perispírito do médium, a assimilação deste com o perispírito do Espírito comunicante, ou seja, tem de haver *sintonia* entre ambos. Esse fato importante, de que o médium em geral não é capaz de comunicar-se indiscriminadamente com todos os Espíritos, é exposto em *Obras Póstumas* imediatamente após o trecho que acabamos de transcrever (§ 6, nº 35; os grifos são nossos):

As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de *afinidade* existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que *não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos*. Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.

No exame do assunto do item 3, podemos colher subsídios em André Luiz, o autor espiritual que tanto tem contribuído para a extensão de nosso conhecimento científico acerca da mediunidade. Em sua obra *Evolução em Dois Mundos*, ao analisar a fase evolutiva em que se elaborava a faculdade de desprendimento do veículo perispiritual durante o sono (capítulo 17, item “Mediunidade espontânea”), adianta esta valiosa informação (grifamos):

Consolidadas semelhantes relações com o Plano espiritual [...], começaram na Terra os movimentos de mediunidade espontânea, porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, *pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, em certas regiões do campo somático*, passaram das observações durante o sono às da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo [...].

Vemos, assim, que o respeitado cientista deixa entrever a correlação íntima entre a possibilidade de contato com a realidade espiritual durante a vigília (mediunidade) e um certo “afrouxamento” das ligações entre as células do perispírito e as suas correspondentes do corpo material. Prosseguindo, André Luiz explicita mais essa correlação:

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas [...].

Refletindo um pouco sobre as assertivas de André Luiz, verificamos, inicialmente, que não conflitam com a explicação dada por Kardec, em termos da capacidade de expansão do perispírito do médium. Há, pelo contrário, até um reforço, já que a noção de “expansão” é aqui suficientemente abrangente e flexível para permitir ulteriores elaborações e detalhamentos, dentro da natureza eminentemente progressiva do Espiritismo. Podemos compreender, deste modo, a “expansibilidade” do perispírito como a sua faculdade de desvinculação parcial e temporária do corpo físico, passando, nesse estado especial, a partilhar da realidade do mundo espiritual para nela colher impressões diversas, sem no entanto perder a possibilidade de atuação sobre o corpo denso.

É fundamental deixar claro que o que acabamos de expor *não corrobora de modo algum a idéia popular de que no processo mediúnicos o Espírito do médium “sai” e “dá lugar” ao Espírito comunicante*, que passaria então a servir-se *diretamente* do corpo do médium. Os Instrutores Espirituais já esclareceram a Kardec, no importante capítulo “Do papel do médium nas comunicações espíritas” de *O Livro dos Médiuns* que essa idéia não corresponde à realidade. A mensagem sempre passa pelo Espírito do médium, mesmo quando ele não guarda disso a consciência ao despertar do transe. Vejamos o que dizem no item sexto do parágrafo

223:

O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito do médium?

“É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita.”

Compreendemos então que, em última instância, o comando do veículo físico só pode ser feito pelo seu próprio “dono”. Poderíamos dizer que o corpo material é feito “sob medida” para cada Espírito, e que não “serve” para nenhum outro. O Espírito estranho não tem como agir diretamente sobre as células materiais formadas sob a influência de outro Espírito e para o seu próprio uso.

É interessante notar que nas questões seguintes à transcrita os Espíritos frisam — mesmo enfrentando uma oposição inicial de Kardec — que *essa é uma regra absoluta*, sem exceções, nem mesmo na mediunidade dita “mecânica”, ou ainda nos casos de efeitos físicos onde uma mensagem inteligente é transmitida (tipologia, escrita por meio de pranchetas etc). Vemos, na questão 10 do referido parágrafo, que os Espíritos expressam indiretamente sua desaprovação a esse modo de denominar a mediunidade na qual o médium não guarda consciência do conteúdo da comunicação: o médium jamais atua como máquina, mecanicamente.

Resumindo o conteúdo desta seção:

- O perispírito desempenha papel essencial em todos os processos mediúnicos.
- A faculdade mediúnica liga-se à possibilidade de o perispírito desvincular-se parcialmente do corpo físico durante a vigília.
- A comunicação não se efetiva sem que haja sintonia entre os perispíritos do médium e do Espírito.
- A comunicação espiritual, ainda que de efeitos físicos, sempre passa pelo Espírito do médium.

5. As modalidades mediúnicas

Um aspecto importante dos esclarecimentos de André Luiz é que permitem compreender não somente como se dá o fenômeno mediúnico, mas também o porquê da existência de diferentes modalidades de mediunidade. Observamos, pelos trechos citados, que a faculdade mediúnica será deste ou daquele tipo conforme a região do organismo em que as células do perispírito apresentem maiores possibilidades de desvinculação das que lhe correspondem no corpo físico. Desse modo, segundo o exemplo dado, se for nos órgãos da visão que ocorre a maior liberdade das células do perispírito, a mediunidade assumirá a forma de vidência; se nos órgãos da audição, a de audiência; se nos da fala, a de psicofonia, e assim por diante.

Devemos notar, no entanto, que os órgãos a que se refere André Luiz são, conforme se depreende de outras passagens de sua obra, não tanto os órgãos periféricos — olhos, ouvidos, mãos etc. —, mas fundamentalmente as regiões do cérebro responsáveis por seu comando. De fato, a ciência mostrou que há no cérebro grupos de neurônios (células nervosas) mais ou menos especializados para as diversas faculdades sensoriais e motoras. No caso da visão, por exemplo, tais neurônios recebem, através do nervo óptico, os impulsos elétricos gerados na retina do olho, sinais esses que a alma interpreta como imagens. O mesmo se dá, *mutatis mutandis*, com os demais sentidos. No caso das funções motoras, ao comando da alma determinados centros cerebrais enviam, através dos diferentes nervos, impulsos elétricos aos músculos, resultando daí os movimentos corporais.

Kardec dividiu os médiuns em duas grandes categorias: os de *efeitos físicos* e os de *efeitos intelectuais*. Os primeiros são “aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas”; os segundos, “os que são mais especialmente próprios a receber e a transmitir comunicações inteligentes” (*O Livro dos Médiuns*, parágrafo 187). Para fins didáticos, é conveniente subdividir a categoria de efeitos inteligentes em dois grupos: *efeitos sensoriais* (percepção da realidade espiritual na forma de uma impressão dos sentidos) e *efeitos intelectuais propriamente ditos* (transmissão de uma mensagem inteligente pela palavra escrita, oral, por gestos etc.).

Apresentaremos agora um quadro sinótico com os principais tipos de fenômenos mediúnicos, associados às diversas modalidades mediúnicas. Trata-se de uma adaptação do que foi elaborado por Jayme Cerviño em seu livro *Além do Inconsciente*, reunindo apenas as modalidades mais importantes. Nesse interessante e original livro, o autor infere, a partir de estudos clássicos da psicologia experimental e da neurofisiologia, bem como de investigações sobre os fenômenos espíritas, quais regiões do encéfalo estariam associadas às diferentes categorias de fenômenos espíritas.⁷

- a) - **EFEITOS INTELECTUAIS** (mediunidades de expressão cortical)
 - a.1) **Efeitos estritamente intelectuais** (córtex frontal)
 - a.1.1) intuição, psicografia, psicofonia, psicopraxia.
 - a.2) **Efeitos sensoriais** (córtex extrafrontal)
 - a.2.1) vidência, audiência, sensibilidade.

- b) - **EFEITOS FÍSICOS** (mediunidades de expressão subcortical)
 - b.1) **Telergia**
 - b.1.1) sons, luzes, movimentos, curas.
 - b.2) **Teleplastia**
 - b.2.1) materializações
 - b.3) **Somatização**
 - b.3.1) transfiguração
 - b.3.2) estigmatização

6. O exercício da mediunidade

Na seção 2 deste trabalho vimos que se deve fazer uma distinção clara entre a mediunidade, enquanto faculdade, e o seu uso ou exercício. Se a faculdade em si é neutra, o mesmo não vale para o seu uso, que pode ser bom ou mau, dependendo da condição moral do médium.

Na Introdução de *O Livro dos Médiuns* Kardec destaca entre os objetivos da obra a orientação para que a mediunidade seja empregada de modo útil. Um requisito essencial para isso é a compreensão de sua natureza e mecanismos, no que o Espiritismo tem contribuído de forma decisiva. Respeitando a liberdade humana, ele não poderia prescrever normas de conduta para os médiuns de maneira cega, impositiva, sem um esclarecimento racional da sua necessidade. É fácil constatar a justeza da afirmação de Kardec, nessa mesma Introdução, de que “as dificuldades e os desenganos com que muitos topam na prática do Espiritismo se originam na ignorância dos princípios desta ciência”.

A preocupação com a compreensão e o exercício corretos da mediunidade vem sendo partilhada pelos espíritas sérios, que se conscientizaram da necessidade do crescimento espiritual do médium para que sua faculdade seja bem empregada. Muitos

dos grandes autores espíritas dos dois planos da vida nos têm legado estudos e lições preciosas sobre a mediunidade e seu objetivo. Procuraremos, no que se vai seguir, compilar alguns desses ensinamentos.

Começemos, no entanto, com *O Livro dos Médiuns*, em cujo parágrafo 226 Kardec pergunta aos Espíritos (nº 3):

Os médiuns que fazem mau uso de suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as conseqüências dessa falta?

“Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.”

A questão da responsabilidade moral do uso da mediunidade é semelhante à das demais faculdades do homem. Aquele que emprega mal a inteligência, a palavra, os dotes artísticos ou a força física arcará com as conseqüências desse emprego, devendo expiar e reparar as faltas cometidas. No caso da mediunidade há um agravante, conforme se salienta na resposta dada, pois ela é poderoso recurso iluminativo.

É por meio da mediunidade que nos certificamos de nossa natureza imortal, fato de suma importância, em torno do qual gira todo o Espiritismo e sua doutrina moral. É ela que nos desvenda a vida futura, possibilitando-nos conhecer de modo abrangente os efeitos de nossas ações. Ajuizaremos então com mais acerto sobre o que nos convém ou não fazer, com vistas à nossa felicidade integral.

Para nós, os encarnados, a mediunidade constitui advertência contra o equívoco de tudo considerarmos do ponto de vista de nossos interesses materiais e imediatos, incentivando-nos a lutar contra o egoísmo, o embrutecimento dos prazeres, a estagnação do conhecimento.

Para os desencarnados sofredores, revoltados ou aturdidos, representa muitas vezes a via preferencial de despertar, possibilitando-lhes retomar o progresso espiritual. A maioria das instituições espíritas em nosso país hoje em dia centraliza sua atuação mediúnica precisamente nessa tarefa, tão louvável pelos benefícios que espalha, mas também tão delicada em sua condução, exigindo muito preparo da equipe, quer no que concerne ao conhecimento doutrinário e à disciplina, quer quanto ao espírito fraterno e à devoção incondicional ao bem do próximo.

A esse respeito adverte Emmanuel no capítulo “Examinando a mediunidade” do livro *Encontro Marcado*:

O exercício da mediunidade nas tarefas espíritas exige larga disciplina mental, moral e física, assim como grande equilíbrio das emoções.

Na obra *Educação e Vivência*, lição “Mediunidade e problemas”, o Espírito Camilo tece as seguintes considerações, ainda dentro desse tópico:

Tristemente, porém, muitas dessas criaturas que se sabem ou se imaginam médiuns não são bafejadas pelos recursos de amadurecido estudo, a fim de que compreendam o que é que se passa nesse vasto território dos fenômenos psíquicos. Seria de esperar que os indivíduos que se embrenham pelos bosques das percepções mediúnicas fossem caindo em si, aprendendo que todos terão que dar conta desses talentos formidáveis que lhes são concedidos, nas experiências terrenas, na condição de empréstimo, proporcionando liberdade e ventura íntimas, logrando evadir-se dos tormentosos episódios do pretérito culposo ou negligente.

E em *Cintilação das Estrelas* (capítulo 32) esse lúcido Espírito prossegue no assunto:

Em mediunidade é importante que o médium se aplique em melhorar-se a si próprio, ampliando as percepções, iluminando-se a cada hora, nas lutas que deve enfrentar, na pauta do cotidiano. O desenvolvimento da mediunidade marcha ladeando o desenvolvimento do médium. Quanto melhor o indivíduo, maior a sua fulgência mediúnica no bem. Aprimore-se o homem para que se lhe ampliem as posições de sensibilidade mediúnica.

Têm-se infelizmente observado muitos agrupamentos mediúnicos descuidados quanto às superiores finalidades da mediunidade, bem como quanto às diretrizes doutrinárias que devem guiar sua prática. Não raro desenvolvem suas atividades de forma ritualística, tratando os médiuns como simples máquinas de comunicação. No momento do intercâmbio, os trabalhadores assumem posturas formais, como que denotando concentração e devoção ao bem, mas que nem sempre se fazem acompanhar das atitudes íntimas correspondentes. Manoel Philomeno de Miranda comentou esse tópico no capítulo intitulado “Mediunidade e viciação”, do livro *Sementeira da Fraternidade* (p. 123):

O médium é filtro por cuja mente transitam as notícias da vida além-da-vida.

Nesse sentido, consideramos a concentração mental de modo diverso dos que a comparam a interruptor de fácil manejo que, acionado, oferece passagem à energia comunicante, sem mais cuidados... A concentração, por isso mesmo, deve ser um estado habitual da mente em Cristo, e não uma situação passageira junto ao Cristo.

Já analisamos na seção 3 a situação na qual o aparecimento da faculdade mediúnica se dá juntamente com desequilíbrios físico-espirituais variados, destacando o erro dos que consideram tais distúrbios como uma conseqüência da mediunidade em si. Em *Educação e Vivência* (p. 111), Camilo enfoca outro ângulo dessa questão:

A decantada “mediunidade de provas” não passa de episódio no qual alguém em provas e sérias expiações recebeu da Divina Misericórdia as excelências da sensibilidade mediúnica, através de cujas portas será chamado ou convocado à assunção de responsabilidades, bem como ao cumprimento dos deveres para com Deus, através do próximo.

Dessa forma a mediunidade, mesmo quando se apresente assinalada por impertinentes padecimentos dos médiuns, representa para eles a mão da Celeste Providência evitando dores maiores e tormentos mais acerbos.

A origem do nosso sofrimento, da nossa aflição, não reside na mediunidade, mas na bagagem de desacertos que ainda trazemos, acumulada nesta e em vidas pregressas. É por isso que nossos recursos mediúnicos, neutros em si mesmos, amiúde ainda se ligam aos mundos de sombra. Mal empregada, a mediunidade significará cultivo da ignorância, a disseminação da dúvida e da mentira, o insuflamento do egoísmo e do orgulho, da vaidade e do personalismo, o verbo e o texto degradantes, a manipulação de forças mentais deletérias, a porta aberta às obsessões.

No capítulo 39 do livro *Sementeira da Fraternidade*, Vianna de Carvalho descreve a mediunidade como “canal cósmico por onde transitam seguras as consolações e esperanças para o atribulado espírito humano,, (p. 179), destacando outro aspecto da mediunidade: o consolo que prodigaliza ao homem em sua vida de incertezas e de dores. Que de mais belo existe do que saber que o abismo que se imagina existir entre nós e os entes queridos que já partiram não é intransponível; que os sofrimentos que não conseguimos evitar têm causas justas ligadas ao nosso passado!...

Dádiva com que a misericórdia divina nos favorece, informando-nos de nossa natureza de seres imortais, a mediunidade bem empregada reveste as formas de esclarecimento acerca da vida além-túmulo, de consolo para os que perderam a esperança, de advertência salvadora para os equivocados, de amparo para os que cambaleiam, de recursos terapêuticos para os que enfermaram, de despertamento para os sofrendores e os trânsfugas do dever que já cruzaram a aduana da morte. Daí a necessidade de desenvolvermos esse abençoado talento, nos trabalhos da caridade, nos exercícios constantes de benevolências para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, de perdão das ofensas, conforme a questão 886 de *O Livro dos Espíritos*.

Reconheçamos, acima de tudo, que mais importante do que sermos bons médiums, no que toca à faculdade, é sermos médiums bons, a serviço de Jesus. ■

1 - 1859, p. 33; *L'Obsession*, p. 87. Ver também *O Livro dos Médiums*, parágrafo 159.

2 - Nesta e demais citações de *O Livro dos Médiums* e de *Obras Póstumas* utilizamos os textos originais, aproveitando em grande parte as traduções publicadas pela Federação Espírita Brasileira.

3 - Vocabulário Espírita, item 'Médium'. Ver também *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo 24, § 12.

4 - Outras referências sobre a origem orgânica da mediunidade podem ser encontradas por exemplo, em *O Livro dos Espíritos*, Introdução, item 4; *O Livro dos Médiums*, parágrafo 174; *Revue Spirite*, 1859, "Écueils des médiums" (p.33; *L'Obsession*, p.88); *Estudos Espíritas*, de Joana de Ângelis, capítulo "Mediunidade".

5 - Todos os destaques são nossos. Ver também, sobre esse ponto, André Luiz, *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 1, pp. 18-9, e Yvonne Pereira, *Devassando o Invisível*, cap. 10, p. 216.

6 - Esse é um ponto que merece reflexão, em vista da ampla divulgação em nossos dias da chamada "transcomunicação instrumental" (TCI). Em artigos anteriores (Chibeni 1984, 1988 e 1994) analisamos, à luz da moderna filosofia da ciência, a questão da cientificidade do Espiritismo e de sistemas alternativos, procurando mostrar que, do mesmo modo como entendia Kardec, o Espiritismo é uma disciplina genuinamente científica, enquanto que esses sistemas não. Contrariamente ao que em geral assumem os proponentes da TCI, o mero emprego de aparelhos *não* assegura a cientificidade de nenhuma disciplina; eles só são usados nas ciências ordinárias porque o seu objeto de estudo - a matéria - presta-se à análise quantitativa, e muitos de seus aspectos só podem ser observados com aparelhos. Já o objeto de estudo do Espiritismo - o elemento espiritual - não é passível de análise quantitativa, como tão apropriadamente fez notar Kardec em várias de suas obras.

7 - Note-se que, como toda classificação, esta não é absoluta, pois o estabelecimento de fronteiras nítidas entre diferentes modalidades mediúnicas não é possível. Lembremos ainda que o *encéfalo* é a parte do sistema nervoso contida na caixa craniana; o *córtex cerebral* corresponde à parte mais externa desse órgão, e coordena a inteligência, os sentidos, os reflexos condicionados ou adquiridos; o *subcórtex*, que inclui vários órgãos da base do encéfalo - tálamo, hipotálamo, cerebelo - é a sede dos reflexos incondicionados ou inatos: instintos, atividades fisiológicas, emoções.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 13ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1955.
- *Evolução em Dois Mundos*. (Médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1959.
- CAMILO. *Cintilação das Estrelas*. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1992.
- *Educação e Vivência*. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1993.
- CERVIÑO, J. *Além do Inconsciente*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1968.
- CHIBENI, S. S. “Espiritismo e ciência”, *Reformador*, maio de 1984, pp. 144 -47 e 157-59.
- “A excelência metodológica do Espiritismo”, *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.
- “O paradigma espírita”, *Reformador*, junho de 1994, pp. 176-80.
- EMMANUEL. *O Consolador*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 8ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1940.
- *Encontro Marcado*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 6ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira.
- JOANNA DE ÂNGELIS, *Estudos Espíritos*. (Médium Divaldo P. Franco.) 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982.
- KARDEC, A. *Le Livre des Esprits*. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985).
- *Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritées*. Paris, La Diffusion Scientifique, 1986.
- *Le Livre des Médiuns*. Paris-Dervy Livres, s.d. (dépôt légal 1978). *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro, 59ª ed., revista, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- *L'Évangile selon le Spiritisme*. (Reprodução fotográfica da 3ª edição francesa.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1979.
- *Oeuvres Posthumes*. Paris, Dervy-Livres, 1978. *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro, 18ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- *L'Obsession*. (Extratos da *Revue Spirite*.) Farciennes, Éditions de L'Union Spirite, 1950.
- PEREIRA, Y. A. *Devassando o Invisível*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1963.
- PHILOMENO DE MIRANDA, Manoel. “Mediunidade e viciação”, in: *Sementeira da Fraternidade*. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 25, pp. 121-24.
- VIANNA DE CARVALHO. “Hipnose e mediunidade”, in: *Sementeira da Fraternidade*. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 39, pp. 177-81.

FEB - CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

COMISSÕES REGIONAIS

REUNIÃO ORDINÁRIA DA COMISSÃO REGIONAL SUL

Realizou-se no Instituto Espírita de Educação, em São Paulo (SP), de 2 a 4 de maio deste ano, a Reunião Ordinária da Comissão Regional Sul, com a presença das cinco Entidades Federativas que compõem a Região: Federação Espírita Catarinense, Federação Espírita do Paraná, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro e União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Integraram a representação da Federação Espírita Brasileira os Vice-Presidentes Nestor João Masotti (Coordenador das Comissões), Cecília Rocha e Altivo Ferreira; os Diretores José Carlos da Silva Silveira, Paulo Roberto Pereira da Costa e Rute Ribeiro; o assessor Merhy Seba e os convidados Maria Túlia Bertoni, Sandra Maria Borba Pereira e Walter Borges de Oliveira.

SESSÃO DE ABERTURA

Os trabalhos tiveram início na noite de sexta-feira, dia 2, com prece de abertura e saudação aos presentes pelo Presidente da USE, Atílio Campanini, havendo em seguida a apresentação individual de todos os participantes. O Coordenador Nestor João Masotti prestou esclarecimentos gerais sobre a Pauta da Reunião. Os representantes das Federativas Estaduais falaram sobre o lançamento da *Campanha de Divulgação do Espiritismo* em seus Estados, mostrando, com riqueza de detalhes, todas as iniciativas adotadas junto aos veículos de comunicação para atingir o grande público. Foram ressaltados pela Diretora do DIJ/FEB os 20 anos da Campanha Permanente de Evangelização Infanto-Juvenil, cujo ponto alto será o III Encontro Nacional de Diretores de DIJs, na sede da FEB, em Brasília, de 24 a 26 de outubro deste ano. Ao término dos trabalhos, o Coordenador transmitiu instruções quanto aos locais e horário, para a manhã seguinte, da Reunião Geral dos Presidentes e das reuniões específicas das Áreas de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Comunicação Social Espírita, Evangelização Espírita Infanto-Juvenil e Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

REUNIÃO GERAL

A Reunião Geral dos Presidentes, iniciada na manhã de sábado, contou com os seguintes participantes: pela FEB — Nestor João Masotti (Coordenador), Altivo Ferreira e Paulo Roberto Pereira da Costa; pelas Federativas Estaduais, os seus Presidentes, como segue: Paraná — Napoleão de Araújo (FEP); Rio Grande do Sul — Jason de Camargo (FERGS); Rio de Janeiro — Gerson Simões Monteiro (USEERJ); Santa Catarina — Givaldo de Assunção Tavares (FEC); São Paulo — Atílio Campanini (USE); além de assessores das Federativas. O Secretário da Comissão Regional Sul, Luiz Alberto Zanardi, secretariou os trabalhos.

O primeiro assunto tratado foi a reorganização e dinamização das atividades da Área de Assistência e Promoção Social, cujas Diretrizes de Funcionamento tiveram aprovação unânime, passando os componentes da Área a discutir, em sala própria, o

texto do documento. Discutiu-se também a organização e implementação da Área de Assistência Espiritual e Atividade Mediúnicamente com as respectivas Diretrizes de Funcionamento, sendo a matéria acolhida para análise e posterior conclusão.

O principal item da Pauta — “Critérios para a análise, publicação e divulgação do Livro Espírita” — foi amplamente discutido, a partir da contribuição da USEERJ, que já utiliza critérios para seleção de livros. Ao final, foi aprovada a seguinte *Conclusão*: “1. Estimular o estudo das obras da Codificação Kardequiana, assim como das que lhes são complementares, a fim de criar ou aprimorar o critério na seleção e leitura dos livros espíritas; 2. Reconhecer o direito das Entidades Federativas e das demais Instituições Espíritas de promoverem a seleção dos livros espíritas que divulgam, e estimulá-las a exercerem esse direito na preservação dos princípios doutrinários”.

A próxima reunião será realizada em Porto Alegre (RS), no período de 1 a 3 de maio de 1998. Assuntos: 1. Preparação de Trabalhadores espíritas para as tarefas de Unificação. 2. Informações sobre a estrutura organizacional das Entidades Federativas.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Na manhã de domingo ocorreu a sessão plenária de encerramento dos trabalhos da Comissão Regional Sul, quando os coordenadores das Áreas específicas relataram as atividades dos seus grupos, abaixo sintetizadas:

a) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira: Reunidos os representantes da FEB, da USEERJ e da USE, foram tratados os assuntos relativos ao levantamento de um cadastro das Entidades e das Atividades do S.A.P.S.E. e à elaboração de um Manual de Apoio, com base em documento preliminar apresentado pela representação da FEB, concluindo-se pela urgência de preparação do referido Manual.

b) Área de Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba: O relato das atividades das Federativas Estaduais da Região Sul demonstra que o trabalho na Área de Comunicação Social vem crescendo em proporções equitativas, em função dos próprios planos de ação doutrinária de cada Federativa, como, também, pelos espaços preenchidos na mídia ora eletrônica, ora impressa, por oferecimento dos veículos de comunicação. Foi discutido o assunto “Espiritismo e vídeo: forma, conteúdo e perspectivas”, evidenciando-se suas vantagens, que se sobrepõem às desvantagens. O tema para a próxima reunião será: “Interatividade na Comunicação Espírita: conceito, formas e aplicações nas atividades do Movimento Espírita”.

c) Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), coordenada por Cecília Rocha: Os representantes de todas as Federativas da Região apresentaram relatos sobre o desenvolvimento do ESDE em seus Estados e a coordenadora do ESDE/FEB apresentou os fundamentos da Metodologia Aplicável ao Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita e, também, um estudo acerca do monitor/coordenador e suas funções pedagógicas. Discutidos os assuntos expostos, chegou-se à conclusão de que deverão ser levantados dados mais concretos a respeito do desempenho do monitor em sala de aula para se prosseguir no estudo de uma metodologia mais adequada ao ESDE. Foi aceita a proposta da Federação Espírita Catarinense de se realizar o II Encontro Regional de Coordenadores do ESDE, no período de 15 a 17 de maio do próximo ano, cabendo à proponente sediá-lo. Os temas para a próxima reunião

serão: 1) “Apresentação dos resultados da pesquisa do desempenho do monitor em sala de aula, que deverá ser feita em todos os grupos do ESDE de cada Estado”; 2) “Levantamento do número de Centros que têm ESDE e o percentual relativo ao número de Casas Espíritas do Estado”.

d) Área de Infância e Juventude, coordenada por Rute Ribeiro: O tema abordado foi “Metodologia de ensino aplicada à Evangelização. A FEB e as Federativas Estaduais apresentaram trabalhos e propostas relacionados com o assunto, ficando claro para todos que existem diferentes maneiras de desenvolver as atividades de evangelização e que o evangelizador pode adotar a metodologia de trabalho com a qual melhor sintonize e se sinta capacitado a utilizar, mas que a metodologia de ensino escolhida deve estar de acordo com os princípios da Doutrina Espírita. O DIJ/FEB apresentou: o anteprojeto do Encontro Nacional de Diretores de DIJ; o Projeto “20 anos da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infante-Juvenil”. Assunto para a próxima reunião: “A Formação do Evangelizador nos aspectos: a) Doutrinário; b) Pedagógico; c) Psicológico; d) Formação a distância”.

Após as palavras de despedida dos representantes das Federativas Estaduais e as considerações finais do Coordenador das Comissões Regionais, a Reunião foi encerrada com uma prece. ■

A FEB NA VIII BIENAL DO LIVRO

No período de 13 a 24 do corrente mês estará ocorrendo a VIII Bienal do Livro, no Riocentro, Rio (RJ). Calcula-se que cerca de um milhão e duzentas mil pessoas comparecerão a esse importante evento cultural.

A Federação Espírita Brasileira, como já fez em 91 e 95, está presente, objetivando mostrar a esse apreciável contingente de pessoas que lêem, a importância crescente do Espiritismo no Brasil.

Além da venda de livros de sua Editora, apresenta aos visitantes, espíritas e simpatizantes da Doutrina, os trabalhos que vem realizando na produção de vídeos, CD-ROM, Apostilas Didáticas, Álbuns de Música com fitas demonstrativas, tanto quanto sua recente incursão no campo da Informática. Utilizando essa tecnologia moderna, toda a Codificação estará disponível na Internet. Interessados do mundo inteiro poderão acessar os livros da Codificação em português, francês, inglês e espanhol.

Também a revista REFORMADOR está disponível, até mesmo com assinatura virtual, bem assim toda a livraria virtual da FEB, mediante utilização de cartão de crédito.

Os dirigentes de Centros Espíritas, livrarias e bibliotecas terão oportunidade de receber orientação e fazer contatos para implantação ou ampliação do espaço para o Livro Espírita em suas Instituições.

Todos poderão, enfim, conhecer melhor a FEB e seu trabalho de apoio ao Movimento Espírita no Brasil e no Exterior.

Vá e leve seus amigos ao Riocentro para visitarem o *stand* da FEB, na Rua Graciliano Ramos, nº 150. Serão recebidos de braços abertos. ■

A USE promoveu o 10º Congresso Estadual de Espiritismo

O evento comemorou o cinquentenário da Unificação do Movimento Espírita paulista

As comemorações do cinquentenário da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) culminaram com a realização do 10º Congresso Estadual de Espiritismo, em São Paulo (SP), de 29 de maio a 1º de junho deste ano.

A sessão solene de instalação do Congresso ocorreu na noite de 29 de maio, no auditório da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), estando presentes o Presidente da Federação Espírita Brasileira, Juvanir Borges de Souza, os Vice-Presidentes Nestor João Masotti e Altivo Ferreira e o Diretor Paulo Roberto Pereira da Costa; os Presidentes das Federativas Estaduais do Paraná, Napoleão de Araújo, do Amazonas, Benedito da Gama Monteiro, de Goiás, Weimar Muniz de Oliveira; os ex-Presidentes da USE Antonio Schiliró e Nedyr Mendes da Rocha; os representantes das entidades que fundaram a USE: Júlia Nezu de Oliveira (FEESP), José da Silva Bueno (Liga Espírita do Estado de São Paulo), José Antonio Siqueira Lazarini (União Federativa Espírita Paulista) e José Quinto (Sinagoga Espírita Nova Jerusalém); e o Deputado Estadual Alberto Calvo. Após a execução do Hino Nacional e proferida a prece, foram apresentados números musicais por Terezinha de Jesus Leite de Almeida, Coral Meimei e Moacyr Camargo. Usaram da palavra o Presidente da USE, Atílio Campanini, o Coordenador da Comissão do Cinquentenário, Antonio Cesar Perri de Carvalho, e o Presidente da FEB, Juvanir Borges de Souza, a quem foi conferida a presidência da solenidade. A palestra de abertura, sobre o tema “União, Ação e Espiritismo”, foi proferida por Altivo Ferreira. O cerimonial esteve a cargo de Murilo Rodrigues Alves, sendo a sessão transmitida pela Rádio Boa Nova, da cidade de Guarulhos.

Foi lançado, na ocasião, o livro “USE — 50 Anos de Unificação”, de Eduardo Carvalho Monteiro e Natalino D’Oliveira, Edições USE.

No encerramento, Dora Incontre leu mensagem psicográfica recebida de Bezerra de Menezes.

DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

As atividades do Congresso ocorreram no Instituto Espírita de Educação, durante três dias, com cerca de quatrocentos participantes, compreendendo palestras e mesas-redondas desenvolvidas por trinta expositores. Presente ao evento, Divaldo Pereira Franco deu entrevista baseada no tema central “Ação Espírita — Visão de Futuro” e recebeu mensagem psicofônica de Bezerra de Menezes. A mesa-redonda de encerramento, sobre “Visão de Futuro”, esteve a cargo de Nestor João Masotti (coordenador), Antonio Cesar Perri de Carvalho, José Antonio Luiz Balieiro e Paulo Roberto Pereira da Costa.

CONSELHO DELIBERATIVO E NOVA DIRETORIA

O Conselho Deliberativo Estadual da USE reuniu-se no último dia do Congresso, com a presença de 43 órgãos regionais, elegeu e empossou a Diretoria Executiva para o triênio 1997-2000, que ficou assim constituída: Presidente — Antonio Cesar Perri de Carvalho; 1º Vice-Presidente — José Antonio Luiz Balieiro; 2º Vice-Presidente — Júlia Nezu de Oliveira; Secretário-Geral — Luiz Alberto Zanardi; 1º Secretário — Joaquim Soares; 2º Secretário — Delma Crotti; 3º Secretário — Adilson J. J. Pereira; 1º Tesoureiro — Waldemar Fabris; Diretor do Patrimônio — Antonio Cósia. ■

REFORMADOR DE ONTEM, ENSINAMENTO PARA HOJE!

Uma ética para a genética

HERMÍNIO C. MIRANDA

Todo um universo de insuspeitadas dimensões está surgindo da penetração da pesquisa pelos domínios da Biologia. Tamanha é a massa de informação que está sendo colhida e tão extraordinário o seu conteúdo que muitos cientistas, fascinados pela excitação intelectual do êxito, imaginam-se novos deuses capazes de criar a vida à sua imagem e semelhança. Não sabem que, longe disso, estão apenas começando a descobrir os maravilhosos segredos que Deus coloca nas coisas que faz.

O nosso futuro está sendo jogado em partidas pesadas nos laboratórios do presente por homens e mulheres de ciência que têm o seu próprio código de ética, que talvez não seja o que melhor convém à sociedade humana. É que nesse verdadeiro exército de cientistas, são percentagem desprezível aqueles que têm consciência da grandeza de Deus e do sentido espiritual da vida. Vendo-os trabalharem nos seus magníficos laboratórios, concentrados no estudo do homem, ocorre a nós, que estamos voltados para a realidade espiritual, a nítida impressão de que estão estudando os componentes materiais de marionetes, mas ignorando totalmente a consciência e as motivações que fazem os bonecos se moverem. Ah!, que falta nos fazem cientistas espíritas que se dedicassem, com reverência e amor, ao estudo das forças que impulsionam a vida e lhe dão forma e sentido e não apenas dos componentes materiais em que ela se apóia!

Surgem, por isso, dilemas atrozes que envolvem milhões de seres. “Se permitirmos que os fracos e os deformados vivam — diz o doutor Theodosius Dobzhansky — e propaguem a sua espécie, teremos de enfrentar um crepúsculo genético. Mas, se os deixarmos morrerem ou sofrerem quando podemos salvá-los, enfrentaremos a certeza de um crepúsculo moral.”

A equação não está bem armada, porque a pesquisa ainda não recebeu o impulso correto na direção certa. O pensamento deve ser reformulado. Que processos espirituais ou psicossomáticos desencadeiam deficiências físicas? Podem ser revertidos? Podem ser evitados? Podemos impedir que se propaguem? Certamente que essas possibilidades poderão ser exploradas com segurança, a partir do instante em que o cientista se convencer de que o homem não é meramente um mecanismo biológico, mas um ser espiritual. O problema é realmente difícil para aquele que não aceita, nem como hipótese de trabalho, a realidade espiritual. É que, para atuar no mundo material, o espírito precisa ter na matéria os contatos e as “tomadas” necessárias, junto aos quais atua através do seu perispírito.

Até que se assuma tal posição, no entanto, muita desorientação ainda há de provocar danos imprevisíveis aos processos da vida e, por conseguinte, ao homem de futuras gerações. É que, sem o saber, a ciência está interferindo em alguns dos dispositivos da própria reencarnação, ao manipular genes, na tentativa de acelerar ou provocar desvios no sistema evolucionista da vida. O homem moderno tem pressa; não quer esperar pela sabedoria das leis divinas. Está, assim, tentando obrigar a natureza a dar saltos, coisa que ela nunca fez. Os planos são muitos e cada qual mais mirabolante. Ainda na infância espiritual, os homens de ciência descobriram no universo do ser um

imenso e imprevisto quarto de brinquedos, os brinquedos da vida. Os projetos são inúmeros e o limite é a imaginação de cada um. Um deles é aumentar a caixa craniana para ter homens mais inteligentes. E fazer o que com a inteligência?, perguntamos nós. Os astronautas não precisam de pernas; portanto, vamos mexer nos genes para criar homens sem pernas. A mulher deseja filhos? É fácil: faça-se nela a inseminação com material genético devidamente estudado e preparado. Quer filhos, mas não deseja a gravidez? Implante-se seu óvulo em mãe mercenária. Quer filhos homens, de olhos azuis e cabelos louros? Basta alterar os genes, no ponto certo, tirando partículas e acrescentando outras. Se homens e mulheres desejarem conservar do sexo apenas o prazer momentâneo, então os seres poderão ser criados em úteros artificiais, em série, fabricados em incubadeiras coletivas, às quais qualquer um poderá encomendar seus filhos pelo crediário, com rígidas especificações, como se fosse um novo automóvel. Se o país precisa de um novo exército “gera-se” um, clonizando* células de grandes militares. Para transmitir conhecimentos, basta injetar as “células da memória” de um ser que sabe noutro que não sabe. Para preservar a vida física indefinidamente, pensam os biólogos em clonar seres humanos de reserva, que ficariam cuidadosamente depositados em congeladores para fornecerem “sobressalentes”, tais como coração, pulmões, rins, braços ou pernas, e até cabeças novas para aqueles que se desgastaram pelo uso ou abuso.

Há planos para criar um monstro meio homem meio máquina, chamado “cyborg”, que seria um cérebro vivo, ligado a um mecanismo que apenas servisse às suas limitadíssimas necessidades. Já se pratica a técnica da criogenia, segundo a qual se congelam as pessoas doentes ou desgostosas da vida para que no futuro, quando for possível resolver os seus problemas biológicos ou psicológicos, sejam trazidas de volta à vida ativa. E o espírito? Disso ninguém cuida, dele ninguém sabe, por ele ninguém se interessa.

Os centros das sensações estão sendo identificados e “mapeados” nas ignotas regiões do cérebro. A introdução de elétrodos em determinados pontos provoca sensações novas e extraordinárias. Experiências feitas em ratos levaram os pobres animais a uma completa alucinação, na busca desesperada do prazer, até a morte por exaustão, completamente desinteressados de tudo o mais, inclusive alimentação e atividade sexual. Descobertas como estas criam problemas imprevisíveis de comportamento futuro. Já há quem preveja “centros de experimentação” em substituição às drogas, aos bares e aos cafés, onde as criaturas se reuniriam para viverem horas de prazeres nunca antes experimentados, ligados a uma aparelhagem verdadeiramente diabólica.

Sensações artificialmente provocadas levariam a um mundo onde tudo o mais seria secundário. Edgar Cayce, o notável médium americano, falou muitas vezes, nas suas comunicações (“readings”), que os cientistas da Atlântida haviam adquirido controles sobre seres que passaram à condição sub-humana, porque desde o nascimento recebiam implantações de alguns instrumentos no cérebro e se tornavam (Cayce chamava-os de “coisas” — *Things*) escravos-robôs. José Delgado, um fisiologista americano, realizou experiências conclusivas segundo as quais consegue deter, a poucos metros, um touro enfurecido, enviando-lhe, por meio de um transmissor de rádio, uma determinada faixa de onda à região onde o animal tem implantado um eletrodo.

Acham outros cientistas que, retirando de um indivíduo alguns componentes genéticos podem reproduzi-lo à vontade, com todas as suas características físicas — cor de pele, dos olhos e dos cabelos — e ainda com absoluta identidade mental e espiritual.

Seria assim, fácil criar um milhão ou dois de novos Lincolns ou Einsteins. É claro que, se isso fosse possível, não faltaria quem desejasse criar uma quadrilha inteira de Al Capones ou uma nação de Hitlers. Nesse ponto, o embriologista Robert T. Francoeur, autor de “Utopian Motherhood” (“Maternidade Utópica”) diz um — basta! — que é um brado de alerta: “Xerox de gente? Não deveria ser praticada em laboratório, nem mesmo uma só vez, com seres humanos.”

A questão é que os cientistas escolhem seus métodos e decidem sua própria ética. E é por isso que já se pensa nos Estados Unidos, a sério, na proposição de leis que instituem um código ético básico para traçar limites ao que pode ou que não pode ou não deve ser realizado, em laboratórios, com o ser humano. O problema é, no entanto, muitíssimo mais complexo, porque a tais atitudes respondem muitos cientistas declarando a impossibilidade de pesquisar dentro de faixas rigidamente determinadas por legisladores que não estão preparados para decidir questões de âmbito científico.

Por outro lado, mesmo que seja possível estabelecerem, os próprios cientistas, um código voluntário de ética, quem poderá assegurar a aplicação ética das descobertas que forem realizadas? Isso porque a ciência pura não se interessa — em princípio — pela utilização dos seus “achados”. Os homens que começaram a desvendar os segredos do átomo talvez não permitissem que se atirassem bombas sobre populações indefesas, se para isso tivessem autoridade política e militar, mas os que jogam bombas não são os mesmos que descobrem os processos de liberação da energia nuclear.

Não é minha intenção, neste brevíssimo e incompleto sumário, inquietar ou assustar o leitor, mas creio que é útil a todos nós dar essa espiada ligeira em alguns dos problemas que estão ocupando os melhores intelectos do mundo moderno. Não podemos, no entanto, livrar-nos de uma pesada e opressiva sensação de melancolia, ao vermos que tanto esforço, tempo, dinheiro e talento são colocados na tentativa infantil de “corrigir” a obra de Deus. Nessa atmosfera de ficção científica, onde tudo é possível para os cientistas, onde está o espírito? Onde está Deus? Vemos, desalentados, que essas entidades não são tomadas em consideração nem mesmo como hipóteses de trabalho, para ajudar o raciocínio ou testar experimentações incompreensíveis, quando deveriam ser a base, o princípio dominante de toda a especulação em torno dos fenômenos da vida, manifestação legítima da grandeza infinita de Deus.

Ao contrário, o que vemos, nessas pesquisas e nesses estudos, são homens brilhantíssimos, donos das mais respeitáveis culturas técnicas, trabalhando nos mais avançados laboratórios mas de cabeça baixa, voltados para a matéria, só matéria, matéria sempre, sem saberem que o átomo é apenas o suporte transitório da vida, muleta de que o ser precisa por algum tempo, no início da sua carreira evolutiva na sua escalada para o infinito, na direção de Deus.

Para tomar um só exemplo, vejamos o que está sendo pesquisado em torno da memória. A história começa com a sensacional descoberta do RNA (ácido ribonucléico) e do DNA (ácido desoxirribonucléico), ingredientes básicos do gene existente nas células de todos os organismos vivos. Esse achado científico foi considerado tão importante quanto a desintegração atômica, porque foi surpreender fenômenos da vida nas suas bases de sustentação e propagação. Na realidade, as pesquisas vão de tal forma adiantadas que Arthur Kornberg, da Universidade de Stanford, conseguiu produzir uma fieira de moléculas de DNA capaz de reproduzir-se, tal como um vírus.

Experiências posteriores, partindo do conhecimento obtido acerca do comportamento do RNA, sugerem a possibilidade de transferir informações armazenadas na memória de um ser para a memória de outro, mas os próprios cientistas ainda têm

muitas dúvidas sobre a validade dos dois testes feitos, que não acham bastante conclusivos. No entanto, já se partiu para a especulação das possibilidades e perspectivas resultantes da experimentação. Alguém imaginou as “pílulas de conhecimento” que, compradas na drogaria ali da esquina, poderiam proporcionar àquele que as ingerisse conhecimento de línguas, de arte ou de matemática. A coisa, porém, não é tão simples assim, porque então, como diz James McConnell, psicólogo da Universidade Michigan, para que desperdiçar todo o vasto conhecimento adquirido por um eminente professor? Em lugar de aposentá-lo ao cabo de uma vida de trabalho, a solução melhor seria os alunos comerem o mestre...

Brincadeira ou não, o certo é que as aventuras no domínio da genética e da biologia prosseguem na ignorância total da condição espiritual do homem.

Wilder Penfield, um cirurgião canadense, ao realizar uma operação cerebral com anestesia local, descobriu que certos pontos do cérebro, eletricamente estimulados, levavam o paciente a ouvir uma canção antiga, ou a reviver, com todos os seus vívidos pormenores, uma esquecida cena da infância, ou uma senhora a experimentar, novamente, as sensações de uma antiga gravidez. Daí concluíram alguns cientistas que o cérebro tem capacidade para registrar e conservar com precisão incrível todas as sensações que receba, por menos importantes que sejam. O Espiritismo sabe disso há muito tempo, ensinando que esse registro se faz no perispírito, mesmo porque as memórias que guardamos não são apenas as desta vida, mas as das anteriores também, até onde alcançar a nossa consciência. A demonstração disso está no fenômeno da regressão de memória.

Alguns pesquisadores suspeitaram, a seguir, de que as memórias eram arquivadas por meio de impulsos elétricos, mas onde guardar tanta informação — bilhões e bilhões delas — no simples compartimento de um cérebro? Experiências posteriores vieram demonstrar que animais de laboratório conservam a lembrança do que aprendem, mesmo quando a atividade elétrica de seus cérebros é afetada por frio intenso, drogas ou choques. Ficava prejudicada apenas a lembrança de fatos recentes; os mais antigos persistiam, a despeito das condições adversas. Conclusão — pura e inteiramente materialista: a de que algo de mais permanente era necessário para explicar a persistência da memória a qual, portanto, não poderia ser arquivada num simples impulso elétrico, que facilmente se descarrega; a base da memória seria, então, um composto químico! Estudando mais o assunto, descobriram que, realmente, a mensagem levada por um nervo somente passa de uma célula à outra quando existem entre elas certas substâncias químicas, que funcionam como transmissoras. Com esta conclusão, ainda preliminar, é verdade, mas admitida por muitos, a memória não passaria de um conjunto de informações guardadas numa substância química. Dispersada a substância com a morte do indivíduo, tudo se perderia para sempre. Quer dizer: não saímos do círculo vicioso do materialismo estreito, por mais que os homens estudem, por mais que pesquisem e por mais ricos que sejam os seus laboratórios reluzentes.

Abismado pelas complexidades e grandezas da biologia molecular, o homem ainda não aprendeu a ser humilde diante da obra de Deus e perguntar, como George Washington Carver, o que desejou o Criador dizer com as maravilhosas coisas que fez. Em lugar disso, o homem quer criar e corrigir a obra da natureza, uma obra de que ele ainda não entendeu nem os princípios fundamentais.

Vejamos, por exemplo, uma lição de humildade. Há uma bactéria no aparelho digestivo chamada “*escherichia coli*”. Uma colher de chá de DNA dessa bactéria é capaz de armazenar informações que somente seria possível fazer-se com um computador cuja memória tivesse 160 quilômetros cúbicos! Mas, isso não é nada, porque o homem possui

mil vezes mais DNA do que a bactéria. E mais ainda: certos animais marinhos, como a salamandra, ou mesmo vegetais, como a alga, têm ainda muito maior quantidade de DNA que o homem. Assim, a despeito da extrema miniaturização dos computadores, a capacidade de armazenamento do cérebro humano ainda lhe é fantasticamente superior. Já imaginaram um homem com um cérebro de 160.000 quilômetros cúbicos? E os cientistas ainda não sabem que o ser humano traz em si, também, as memórias de inúmeras vidas passadas...

Todas essas descobertas e debates estão preocupando os pensadores, teólogos e filósofos dos tempos modernos. Que vai sair desses laboratórios ameaçadores? Um ser artificial? Um "cyborg" a ditar ordens implacáveis? Multidões clonizadas por cópias, como xerox? Seres sem alma? Nada disso. Se forem criadas artificialmente as condições existentes na mais profunda e sagrada intimidade do organismo materno, então o espírito eterno aí se encarnará, mas o homem não poderá *criar* a vida, isto é, um ser humano pensante, mesmo que tente copiá-lo de um já existente.

A fantasia, no entanto, está solta. Um biofísico chamado Leroy Augenstein escreveu, em 1969, um livro intitulado "Come, Let Us Play God" ("Venha, Vamos Brincar de Deus"). Acha ele que o homem sempre assume o papel divino quando Deus falha. Que, aliás, já tem feito isso através dos tempos, mudando a face da Terra, desde que usou o arado até às modernas obras de engenharia. Não precisamos ser geniais para concluir que foram desastrosas muitas dessas interferências; do contrário, não teríamos hoje o desequilíbrio ecológico a que estamos assistindo, nem o tremendo problema da poluição, nem a extinção de plantas e espécies animais úteis ao bom funcionamento da vida sobre a Terra, nem fome e miséria num mundo que tudo pode dar para todos.

Brincar de Deus... Não sabemos ainda nem como brincar de homens!

Esse é o quadro que a biologia molecular e a genética estão compondo neste exato momento em que o leitor lê estas linhas. O homem está brincando é de aprendiz de feiticeiro e se os poderes espirituais não tomassem as medidas necessárias, no tempo oportuno, a civilização moderna se suicidaria em poucos decênios. Muitas dores por certo ainda hão de vir, enquanto brilhar a inteligência divorciada da moral, mas não vem muito longe o dia em que Deus vai mostrar, mais uma vez, que o Universo que Ele criou não anda à matroca, nem precisa de correções, a não ser aquelas que forem necessárias para corrigir os desvios provocados pela vaidade humana.

Há, pois, uma urgente necessidade, neste ponto da civilização: uma ética para a genética. ■

* Clonização - vem de uma palavra grega que significa pequeno galho, rebento. Clonizar é, pois, criar seres iguais, por reprodução assexuada, a partir de células extraídas de alguém.

(Transcrito de REFORMADOR, de junho/71.)

A FEB E O ESPERANTO

DO MOVIMENTO ESPERANTISTA

AFFONSO SOARES

Apesar da terrível tempestade política que assolou a extinta Iugoslávia, causadora de sua fragmentação em etnias que se deixaram arrastar a um trágico conflito de preconceitos seculares, o ideal esperantista, qual a Fênix da mitologia, ressurgiu, exuberante, acima das divisões e feridas sociais. Na Bósnia-Herzegovina, meia centena de concluintes de cursos de Esperanto em Sarajevo festejaram a bela conquista, e o periódico *Dnevni avaz* publicou um artigo sobre o Dr. Zamenhof.

Em Banja Luka foi aberta, na Biblioteca Universitária, uma exposição de livros e periódicos em Esperanto.

O jornal *Politika Ekspres*, da Sérvia, estampou um artigo de página inteira sobre o Esperanto e as atividades dos esperantistas locais, publicando fotos da Semana Internacional da Juventude.

E, na Croácia, a Rádio Nacional dedicou espaços de sua programação a notícias e entrevistas a respeito das atividades culturais do movimento esperantista naquela região.

Convém notar que, durante as lamentáveis hostilidades insufladas por grupos interessados no caos, os esperantistas mantiveram-se acima das divergências políticas e étnicas, buscando promover a união, praticando a solidariedade e a fraternidade, mesmo à custa da própria vida. Esse mesmo espírito, fruto dos elevados ideais do Esperantismo, também pairou sobre as misérias provocadas pelas duas grandes calamidades mundiais de 1914-18 e 1939-45, evidenciando a todos, principalmente aos adeptos de um Esperanto sem ideais, que ele efetivamente tem a Fraternidade como legítima bandeira.

-//-

Após um ano de funcionamento, o registro da Federação Sueca de Esperanto, nas páginas da Internet, indicava 50.000 visitas. Em um ano a frequência cresceu de algumas poucas até a considerável cifra de 500-600 por dia.

O arquivo [www](http://www.esperanto.se/kiosk/espindex.html) da Federação Sueca contém mais de 1.500 dossiês (textos e ilustrações) que ocupam espaço superior a 10 megabaites. A maior parte das informações é em língua nacional, pois a Federação tem como prioridade atingir o público sueco. Com maior frequência é visitado o registro "Kiosko", ligado a 1.800 periódicos do mundo (www.esperanto.se/kiosk/espindex.html), especialmente popular entre bibliotecas e classes escolares com alunos de diferentes nacionalidades. Ao procurar periódicos pelo Mundo, o usuário recebe, querendo ou não, um incentivo a se informar sobre o Esperanto.

-//-

A revista bimensal *Punkt*, editada pelo Senado de Berlim, publicou em seu número de setembro-outubro um artigo de Reinhard Hoheisel, coordenador lingüístico do idioma alemão na Comissão Européia, a respeito da "Diversidade lingüística e comunicação nos órgãos da Comissão Européia". Descrevendo a situação, Hoheisel conclui, de maneira nebulosa:

“A comunicação nos escritórios da Comissão Européia só é possível quando naturalmente se exerce a tolerância, o respeito e a estima e se está disposto a aprender (inclusive línguas). A experiência diária nos escritórios da União Européia mostra que isso é possível.”

O texto aparece em alemão e em Esperanto. Não é raro que a revista *Punkt* publique textos em língua estrangeira. Dessa vez, em razão do tema, a redação teve a idéia de pedir à Liga Berlimense de Esperanto que providenciasse a tradução, porém, sem a intenção especial de divulgar o Esperanto.

-//-

Uma nova lei na Hungria, permitindo que o cidadão disponha de um por cento de seu imposto para subvencionar organizações sem fins lucrativos, também beneficia diversas instituições esperantistas. A Fundação Esperanto, da Associação Cultural Esperantista, lançou, a propósito, uma campanha, com 10.000 impressos e com cartazes, procurando sensibilizar a sociedade no sentido de utilizar esse dispositivo legal com vistas à luta “contra a colonização cultural e lingüística”, promovida pelos EUA na Hungria.

-//-

A Confraternização Esperantista da Zona Oeste promoveu, em março de 1997, em Campo Grande, Rio de Janeiro, o III Treinamento para Instrutores de Esperanto, sob a coordenação da Professora Nair Dragon. Dentre o rico programa, destacou-se um item de natureza técnica, composto por seis secções: três de caráter geral, com as participações do Gen. Ismael de Miranda e Silva (Planejamento: aula, plano de matéria, plano de curso), da Dra. Bety Jane Santos de Oliveira (Psicologia: timidez) e da Prof^a. Marilza Oliveira da Silva (Material didático: cadernos de exercícios, jogos de memória); e três de caráter lingüístico, com as participações do Prof. Jair Salles (Acusativo: os três casos mais comuns de emprego), do Prof. Paulo de Carvalho (Correlativos: quadro explicativo) e do Dr. Aloísio Sartorato (Participios: comparação com a língua portuguesa). ■

Estudo Sistematizado nos Estados Unidos

Patrocinado pela Comissão Organizadora para a Unificação do Movimento Espírita nos Estados Unidos da América do Norte e pelo Conselho Espírita Internacional, com o apoio da Federación Espiritista Kardeciana de la Florida (EUA), equipe da Federação Espírita Brasileira realizou um Curso para implantação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita naquele país.

Os trabalhos se desenvolveram no período de 17 a 25 de maio próximo passado nas cidades de Miami, Washington e Nova York, para onde se deslocaram a Vice-Presidente Cecília Rocha e as Diretoras Marta Antunes de Oliveira e Rute Ribeiro.

O programa aplicado destacou os seguintes tópicos, que foram especialmente selecionados para aquela ocasião: O que é o ESDE; Histórico da Implantação do ESDE no Brasil; Objetivos do ESDE; Conseqüências do ESDE; Organização e Funcionamento do ESDE; Conteúdos Programáticos; Metodologia Didático-Pedagógica; Divulgação do ESDE.

Em Miami, os trabalhos foram realizados nas dependências da Casa Espírita Kardeciana “Bezerra de Menezes” e contaram com a participação de trinta e quatro companheiros, representando dez Sociedades Espíritas do Estado da Flórida, a saber: Casa Espírita Kardeciana “Bezerra de Menezes”, Christian Spiritist Study Center; Centro Espírita “Caridad Cristiana”; Centro Espírita “Emmanuel”; Ciencia Espiritista Kardeciana; Círculo Fuerzas Amigas; Grupo Espírita “Nosso Lar”; Célula de Difusión y Instrucción del Ideal Espírita; Escuela de Espiritismo “Moral, Filosófico, Cristiano” e Kardecist Work and Study Group.

Em seguida, a caravana da FEB deslocou-se para a Capital norte-americana, onde o mesmo curso foi realizado na sede da Allan Kardec Spiritist Society, para vinte e duas pessoas oriundas não apenas de Washington, mas, também, das cidades vizinhas e de Atlanta. Como em Miami, foram abordados assuntos importantes, necessários e oportunos para a implantação de grupos do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita naquela região.

Finalmente, em Nova York, a equipe da FEB levou a sua experiência no campo do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita às seguintes Instituições: Allan Kardec Society, que sediou o encontro; Allan Kardec Spiritist Center; Grupo Espírita Caminho, Verdade e Vida; Grupos Espíritas “A Caminho da Luz” (de Boston e do Connecticut); e Grupos Espíritas de Nova Jersey, que ali se fizeram representar por diversos confrades.

Foram dias memoráveis e muito proveitosos para os participantes do encontro, realizado em clima da mais perfeita harmonia e fraternidade cristãs. Lançada no solo generoso daquele grande país, a semente do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita haverá, certamente, de transformar-se em frutos sazonados de amor e de esperança, de paz e de concórdia entre os homens de boa vontade. Esperemos. Da mesma forma que o Sol, o Espiritismo iluminará, um dia, todas as latitudes do Planeta, resgatando da ignorância e do erro o Espírito encarnado que nele habita e conduzindo-o para dimensões mais elevadas do Infinito. ■

SEARA ESPÍRITA - FATOS EM NOTÍCIA

MEDENESP 97: MEDICINA E ESPIRITISMO

Realizou-se em São Paulo, no Auditório Elis Regina do Centro de Convenções Anhembi, o 1º Encontro Nacional da Associação Médico-Espírita do Brasil, nos dias 29, 30 e 31 de maio passado, com cerca de 1.000 participantes de todo o País. O Tema Central - "Pesquisa e Prática Médica em Equipes Multidisciplinares" - foi desdobrado em 21 subtemas, desenvolvidos por renomados expositores de vários Estados brasileiros.

A sessão de instalação, na manhã de 29 de maio, dirigida pela Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, Presidente da AME-Brasil, foi marcada, na palavra dos oradores, pela fidelidade aos postulados da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec. A Federação Espírita Brasileira foi representada por seu Diretor Paulo Roberto Pereira da Costa, sendo que, na manhã de sexta-feira (dia 30), o Presidente Juvanir Borges de Souza visitou o Encontro, acompanhado de sua esposa, D. Yola Carvalho Borges de Souza, e dos Vice-Presidente Nestor João Masotti e Altivo Ferreira.

-//-

RIO DE JANEIRO: USEERJ - SEMINÁRIO SOBRE EDUCAÇÃO

A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro promoveu nos dias 14 e 15 de junho o XV Seminário Espírita sobre a Educação, coordenado pelo Prof. Ney Lobo, de Curitiba (PR), e destinado a professores, outros educadores e demais interessados no assunto. Foram abordados os seguintes temas: "A Pedagogia do Sentimento", "Pestalozzi e Kardec", "A Educação Moral", "A Escola Espírita" e "Debate sobre a Prática Pedagógica Espírita".

-//-

ARGENTINA: A. E. CONSTANCIA - 120 ANOS

A Asociación Espiritista Constancia, de Buenos Aires, comemorou seu 120º aniversário de fundação com um ciclo especial de palestras dedicado, também, aos 140 anos de "O Livro dos Espíritos", codificado por Allan Kardec. Primeiro Centro Espírita da Argentina, a entidade aniversariante é mantedora da centenária revista Constancia.

-//-

ABRADE: CONGRESSOS DE DIVULGADORES ESPÍRITAS

A Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE) promoverá no Centro de Convenções de Pernambuco, em Recife, de 31 de outubro a 2 de novembro deste ano, o 10º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas (CONBRAJEE) e o 1º Congresso Brasileiro de divulgadores do Espiritismo (CONBRADE), quando serão comemorados os 140 anos de lançamento de "O Livro dos Espíritos". A realização desses eventos é de responsabilidade da ADE-PE - Associação de Divulgadores do Espiritismo de Pernambuco.

-//-

CONGRESSO DE TRANSCOMUNICAÇÃO

O Centro de Convenções Anhembi, na Capital paulista, sediará o II Congresso Internacional de Transcomunicação, nos dias 16 e 17 do corrente mês, patrocinado pela Folha Espírita. O tema "Do Gravador ao Computador: Vencendo Desafios, Vozes do Universo Estabelecem as Infovias do Século XXI" será desenvolvido por oito conferencistas estrangeiros (Alemanha, Luxemburgo, Estados Unidos, França e Itália) e oito expositores brasileiros, dentre os quais Hernani Guimarães Andrade, Marlene Rossi Severino Nobre e Sonia Rinaldi.

-//-

ENTIDADES FILANTRÓPICAS E UTILIDADE PÚBLICA

Com base em parecer do confrade jurista José Náufel, a pedido da USEERJ e da FEB, foi revogado o Manual para Requerimento de Concessão de Utilidade Pública pelo Ministério da Justiça, passando a vigorar a Portaria nº 131, de 6-3-1996, do Ministério da Justiça (D.O. da União, 7-3-96, p. 3776). Foi também revogada a Resolução 13/93 do Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS), que obrigava as entidades beneficentes de cunho religioso a promoverem o desmembramento, isto é, constituírem uma nova entidade, com personalidade jurídica própria, para as suas atividades assistenciais.

-//-

R. G. DO NORTE: CONGRESSO ESPÍRITA

A Casa de Caridade "Adolfo Bezerra de Menezes" realizará de 28 a 31 de agosto corrente, com o apoio da Federativa Estadual e do seu Conselho Federativo, o 7º Congresso Espírita do Rio Grande do Norte, no Centro de Convenções de Natal. "Reencarnação, Lei Universal" é o tema oficial, que será desenvolvido sob os enfoques científico e doutrinário em conferências, painéis, mesas-redondas, abordagens expositivas e mediante participação de público, por Isaias Claro (SP), Ricardo Di Bernardi (SC), Marlene Rossi Severino Nobre (SP), Sérgio Felipe de Oliveira (SP), Avildo Fioravante(SP) e outros expositores.

-//-

DIVALDO NA EUROPA

Após uma jornada pela Suíça, Estados Unidos e Canadá, no mês de maio, o tribuno espírita Divaldo Pereira Franco seguiu no dia 6 de junho para Londres, onde iniciou uma série de conferências e seminários pela Inglaterra e Escócia, Áustria, Alemanha e Repúblicas Tcheca e Eslováquia, tendo retornado ao Brasil no dia 28 daquele mês.

-//-

FEIRA DO LIVRO EM CALENDÁRIO OFICIAL

A Lei Municipal nº 4814, de 29-3-96, oficializou e incluiu a Feira do Livro Espírita no Calendário Oficial de Festas e Comemorações do Município de São José dos Campos (SP), em face de sua tradição de 25 anos, sendo que a USE Intermunicipal daquela cidade estará realizando, no período de 29 de agosto corrente a 6 de setembro, a XXVI Feira do Livro Espírita em praça pública. Colaborando com esta revista, durante a Feira haverá campanha de assinaturas de REFORMADOR.

-//-